



Maria
Schaun

O Elo Perdido

O Elo Perdido



Editora da UESC

Ilhéus -Bahia

O Elo Perdido

MARIA SCHALIN

© 1999 by Maria Schaun

Direitos desta edição reservados à
 EDITUS - EDITORA DA UESC
 Universidade Estadual de Santa Cruz
 Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
 Tel.: (073) 680-5028 - Fax (073) 689-2195
<http://www.uescba.com.br> e-mail: editus@jacaranda.uescba.com.br

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

CÉSAR BORGES - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ERALDO TINOCO MELO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

RENÉE ALBAGLI NOGUEIRA - REITORA

MARGARIDA CORDEIRO FAHEL - VICE-REITORA

EDITUS - EDITORA DA UESC

MARIA LUIZA NORA - DIRETORA

PROJETO GRÁFICO E CAPA:

CRISTIANO MAIA

ILUSTRAÇÃO DIGITAL:

OTÁVIO FILHO

PESQUISA E TEXTO:

MARIA SCHAUN

DIGITAÇÃO:

MARIA SCHAUN

REVISÃO:

JOSÉ CALDAS SCHAUN

JORGE DE SOUZA ARAUJO

NORMALIZAÇÃO:

LEDA CATARINO

CONSELHO EDITORIAL:

ACÁCIA GOMES PINHO

ALTENIDES CALDEIRA MOREAU

DORIVAL DE FREITAS

FRANCOLINO NETO

HENRIQUE CAMPOS SIMÕES

REINALDO DA SILVA GRAMACHO

LURDES BERTOL ROCHA

MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES

MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES

NORMA LÚCIA VÍDERO VIEIRA SANTOS

PAULO DOS SANTOS TERRA

SAMUEL MACÉDO GUIMARÃES

SEBASTIÃO CARLOS FAJARDO

EQUIPE EDITUS

COORD. DE ARTE-FINAL: GEORGE PELLEGRINI;

DESIGN GRÁFICO: ADRIANO LEMOS; COORD. DE

DIAGRAMAÇÃO: CRISTIANO MAIA; SUPERVISÃO DE

PRODUÇÃO: MARIA SCHAUN; REVISÃO: MARIA LUIZA

NORA, JOSÉ CORREIA; COORD. DE POLÍTICA

EDITORIAL: JORGE MORENO

S313 Schaun, Maria.
 O elo perdido/Maria Schaun. -
 Ilhéus : Editus, 1999.
 148p. : il.
 Bibliografia e anexos.
 1. Schaun (Família). 2. Ilhéus, Ba
 - História. I. Título.

CDD. 929.2

ISBN 857455-007-8

“Pensar que o homem nasceu sem uma história dentro de si próprio é uma doença. É absolutamente anormal, porque o homem não nasceu da noite para o dia. Nasceu num contexto histórico específico, com qualidades históricas específicas e, portanto, só é completo quando tem relações com essas coisas. Se um indivíduo cresce sem ligação com o passado, é como se tivesse nascido sem olhos nem ouvidos e tentasse perceber o mundo exterior com exatidão. É o mesmo que mutilá-lo.”

Carl Jung

À Minha Mãe
Ao Universo



Foto: Francino

Ilhéus, 1950



Foto: Marcelo Cordino

Ilhéus, 1999

Sumário

Agradecimentos
Apresentação
Reunindo Elos
Ilhéus, um Pouco de História
Os Coronéis do Cacau
As Primeiras Ligações
O Instituto Nossa Senhora da Piedade
A Casa de "Seu" Aphrodisio
A Civilização do Cacau
Os Caldas
O Ribeirão Seco de Macuco
O Dia a Dia
Outras Histórias
Os Filhos de D. Mariquinha
O Coronel Misael Tavares
Elos Eternos
Obras Consultadas
Anexos

Agradecimentos

A meu pai, José Caldas Schaun, que tanto me auxiliou com suas recordações, no levantamento de dados e informações.

A Anna Lúcia Caldas que me pediu insistentemente um documento sobre a família.

A Ton Lavigne que sabe casos e mais casos.

A Esther Caldas Bertoletti que me atendeu com alegria e boa vontade quase na última hora.

Aos amigos virtuais que colaboraram nas buscas via Internet.

A tantas outras pessoas ligadas às diversas ramificações de famílias que vêm construindo esta história e que me auxiliaram na elaboração e realização desta pesquisa com documentos, fotos e suas próprias histórias.

Apresentação

A idéia deste livro surgiu a partir de insistentes pedidos de Anna Lúcia Silva Caldas para que não perdêssemos as ligações com as nossas origens. Eu própria tinha uma necessidade profunda de inserir as histórias das nossas origens no processo histórico da Região Cacaueira. A princípio pensei em fazer apenas um documento para Anna, contando algumas coisas e falando das ligações de família, mas a quantidade de informações foi aumentando à medida que conversava com as pessoas e todos tinham alguma coisa para contar, ou melhor, queriam contar algum fato, lembrar de pessoas, estabelecer ligações.

É importante registrar que em todas as abordagens feitas pessoalmente ou por telefone, sempre fui bem recebida, as pessoas ficavam alegres, se colocavam à disposição, queriam participar e contribuir de alguma forma. Isso me deu ânimo para continuar as pesquisas e me faz responsável por tantos laços que venho construindo na caminhada.

Assim, busquei conversar com as pessoas mais antigas ligadas aos SCHAUN, família que, dentro da abordagem que demos, estabeleceu as primeiras ligações, e, ouvindo cada história, tentando resgatar até os detalhes sobre os fatos mais longínquos, tentei transcrever os relatos com a maior fidelidade possível. A partir de 1993 falei e entrevistei várias personagens, ou filhos e netos que podiam acrescentar algum dado fazendo associações de fatos e relacionando os nomes das pessoas, os casamentos que formaram vários troncos familiares, as profissões e locais onde viveram ou vivem atualmente.

As pesquisas continuaram em livros de História Geral, Enciclopédias e via Internet, quando tentei localizar pessoas com o sobrenome SCHAUN em outros países e estabelecer ligações entre elas e o Sr. Adam. O objetivo era identificar a cidade ou o porto de onde os nossos ancestrais saíram, tentando entender as razões que os fizeram, um dia, deixar a Europa e vir para Ilhéus iniciar uma nova vida. Também tentei localizar os CALDAS espalhados pelo país, ao mesmo tempo fui inserindo casos e textos que considerei interessantes e um pouco de biografia de algumas personagens, com o objetivo de ilustrar esta história.

Bem, não é um livro de história, mas a coletânea de memórias que recuperam laços familiares de pessoas que um dia atravessaram o Oceano Atlântico e aqui, do outro lado do mundo, numa época inóspita, junto com outras famílias, vieram construir a sociedade em que vivemos hoje. Tive muito prazer em fazer este trabalho, que foi realizado num momento de busca e aprofundamento espiritual após anos buscando o conhecimento formal.

Foi com muito carinho que escrevi sobre cada ascendente e cada parente, mesmo que as ligações de sangue ou de amizade não sejam tão próximas. Hoje, temos um bom quadro do papel de cada um na história das ramificações que se sucederam e formaram esta grande família neste mundo em constante evolução, onde estamos, simplesmente, como *Passageiros do Tempo*.

Com amor,
Maria

Reunido Elos

Adam Schaun era oficial do Exército alemão, quando, Otto, Príncipe de Bismarck (1815 - 1898), Ministro do Rei Guilherme I da Prússia, se propôs a fundar a unidade alemã sobre a hegemonia prussiana. Conhecido como o "Chanceler de Ferro" e um dos homens mais influentes do século XIX, Bismarck conseguiu realizar completamente o seu plano: isolou a França, na Europa, impediu que a Áustria recuperasse a influência moral sobre as nacionalidades alemãs e que diminuísse a onipotência da Prússia. Bismarck fez da Alemanha uma potência colonial, e teve que abandonar o poder pouco tempo depois de subir ao trono o Imperador Guilherme II.

Enfim, falar da Alemanha e da Prússia, neste período, não é fácil e as razões para os alemães emigrarem foram muitas, desde a lembrança das guerras napoleônicas, o excesso de população, as condições muito ruins do solo. A expulsão dos camponeses da terra e a desarticulação do trabalho artesanal, num período em que a indústria ainda não era capaz de absorver a mão-de-obra excedente fez com que o envio desta massa imigrante para outros países se tornasse um bom negócio. Pois o crescimento da Revolução Industrial, que se deu simultaneamente na Inglaterra e na Alemanha, reduzindo o número de empregos, obrigou

muitas famílias a emigrarem para “os países novos” em busca de melhores condições de vida. Portanto, a vinda de estrangeiros para o Brasil no século XIX é um movimento que faz parte do processo de expansão do capitalismo e que vem criando uma nova ordem mundial.

O SANTO IMPÉRIO

A Alemanha é um país situado no centro da Europa, sem fronteiras naturais e isto sempre foi motivo de guerras cruéis. Carlos Magno criou o Santo Império Romano-Germânico no ano de 800, que floresceu até 1250, quando os príncipes regionais começaram a se fortalecer. No século XVI ficou dividida religiosamente e seu território foi devastado pela Guerra dos Trinta Anos, no século XVII. Com a chegada do século XVIII, veio o crescimento da Prússia como uma grande potência e grandes valores culturais. Era a época de Johann Sebastian Bach, Immanuel Kant, Johann Wolfgang von Goethe e Friederich von Schillier.

Os alemães, altos, brancos, olhos azuis e cabelos vermelhos que viviam nas florestas, nos primeiros tempos, tradicionalmente, acreditavam em sua pureza racial e mantiveram excelentes exércitos militares. A família sempre foi um núcleo importante da sociedade e a mulher tinha função de destaque dentro da família e da comunidade. Venceram várias guerras, mas a estrutura urbana e governamental foi destruída muitas vezes. No século XX, no tempo de uma geração, perderam duas guerras e com elas oito e meio milhões de habitantes.

Dividida depois da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a Alemanha se reunifica com a queda do muro de Berlim, em 1989, e atualmente caminha junto com os outros países do continente, para a União Européia. No pós-guerra, quando seu território foi seccionado em zonas de ocupação e passaram a existir duas Alemanhas, todas as dívidas da época do Reich foram pagas e a confiança e a cooperação dos outros povos do mundo foram, gradativamente, sendo reconquistadas, criando uma nova relação entre os países.

Em 1806, o Santo Império Romano-Germânico caiu com a investida de Napoleão Bonaparte, imperador francês. Em 1815, o Exército Prussiano, comandado pelo General Blücher, derrotou Napoleão Bonaparte, em Waterloo, e o Congresso de Viena criou a Federação Alemã com 32 condados e cidades livres, como Frankfurt e Hamburg. Após o Congresso de Viena, que teve como objetivo impedir o avanço dos povos, inclusive alemães, surgiram três correntes políticas.

Alguns defendiam uma República com partidários do federalismo, do unitarismo e da democracia; outros eram defensores da solução monárquica, sendo adeptos da participação da Áustria, criando a Grande Alemanha; e outros consideravam ainda que, com a exclusão da Áustria e domínio da Prússia, se criaria a Pequena Alemanha. Mas só em 1848 surgem as primeiras manifestações pela unificação alemã. Em 1860, o capital prussiano financiava o desenvolvimento e o progresso econômico em favor da unificação. O país se divide mais uma vez: católicos Pró-Áustria, habitantes da região Sul, e protestantes Pró-Prússia, habitantes do Norte.

As realizações de Bismarck entre 1862 e 1871 constituem feitos de habilidade política notável da História da Ciência Política e trouxeram progresso econômico, desenvolvimento industrial e elevação do padrão de vida da população com empreendimentos científicos, técnicos e culturais. Segundo Bertrand Russel, era um "trambiqueiro" inteligente. Odiado, Bismarck fez a Alemanha tão forte que qualquer ressentimento perdeu o sentido. Em 1866/1867, com a exclusão da Áustria, foi criada a Confederação da Alemanha do Norte que formaria o Império Alemão.

Vencer a França em 1870 facilita para Bismarck completar a unidade alemã com as incorporações da Alsácia-Lorena e dos estados do sul. E, para consolidar a unificação, entre tantas medidas de reforma do Exército, reorganização das finanças e do Poder Judiciário, o Chanceler entra em choque com os conservadores e os católicos. Numa "luta cultural", elimina a influência romana sobre o clero alemão, impedindo alianças entre os católicos alemães e as minorias alsacianas e lorenas.

OS ALEMÃES NO BRASIL

A história da imigração alemã para o Brasil começou em 1822, quando o major Jorge Antonio Schaffer foi enviado por D. Pedro para a Corte de Viena e demais cortes alemãs, com o objetivo declarado de angariar colonos, e o não declarado de conseguir soldados para o Corpo de Estrangeiros situado no Rio de Janeiro. O segundo objetivo era mais importante do que o primeiro, pois tinha a finalidade de garantir a indepen-

dência brasileira, ameaçada por tropas portuguesas que continuavam na Bahia após a declaração e pela recusa de Portugal em reconhecer o Brasil como nação independente.

Mas a intenção de obter soldados estrangeiros não podia ser revelada nas cortes européias, porque nenhum país do antigo continente concordaria com isso. E Portugal procurava fazer com que D. Pedro fosse visto como o líder da rebelião. Por isso, o trabalho de Schaffer foi dificultado, porém à medida em que o Império Brasileiro foi se estabilizando Schaffer passou, efetivamente, a enviar colonos. Para isso, o governo brasileiro oferecia 50 hectares de terra, vacas, bois e cavalos, auxílio financeiro, isenção de impostos, liberdade religiosa e nacionalização.

Do que foi oferecido, ao menos a primeira promessa superou as expectativas, pois os colonos recebem 77 hectares. Dos outros itens, alguns foram cumpridos integralmente, outros contrariavam a constituição brasileira, mas o que interessava aos colonos era a posse da terra, e isso, eles obtiveram, mesmo que à custa de muito sacrifício.

No período de 1824 a 1852, entre tantos conflitos políticos e ideológicos, os alemães se concentraram em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, construindo comunidades fechadas que preservaram sua cultura: arquitetura, agricultura e o hábito da pequena propriedade. Assim eles formam o quarto grupo mais numeroso de imigrantes para o Brasil, somando quase 5% do total da imigração. Os portugueses formam o maior grupo, seguidos pelos italianos e espanhóis e em quinto lugar ficam os japoneses.

A região de Una, no Sul da Bahia, também recebeu um grupo de mais de mil alemães, criando a Colônia de Comandatuba, em 1886. Posteriormente algumas famílias seguiram para o Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nesta época havia um grande movimento migratório para o Brasil e Ilhéus já recebia famílias estrangeiras desde a chegada de D. João VI, em 1808.

Assim, entre tantos conflitos, na primeira metade do século passado, é que João Adam Schaun foge para o Brasil com a esposa e as filhas ainda pequenas. Praticamente, todos os alemães que chegaram a Ilhéus, neste período, eram oponentes à Napoleão Bonaparte e vieram salvar suas vidas das guerras na Europa, não pensavam em fazer fortuna para voltar aos países de origem.

Aqui já estavam François Gaston Lavigne e Napoleão Level, oficiais de Marinha de Napoleão. Vieram fugindo das perseguições de inimigos, no final da guerra, junto com Taunay, Le Breton, Debret, Pradier - uma Missão Artística trazida de Paris por D. João VI. Os dois chegaram a Ilhéus entre 1815/16. Napoleão Level era casado com Helene Lavigne. François Gaston Lavigne teve três filhos: Luiz, Pierre e François. O contato foi perdido com Pierre e François, mas Luiz Gaston Lavigne se casou com Maria Joana Bonin, se fixando em Ilhéus. E aí começa a nossa história...

Ilhéus, um Pouco de História

A Capitania de São Jorge dos Ilhéus nasce oficialmente com a Carta Régia assinada por D João III, em Évora, no dia 25 de abril de 1534, e "*teria 50 léguas que seriam de largo e da costa e entrariam na mesma largura pelo sertão e terra firme a dentro tanto quanto poderem entrar e fôr de minha conquista*". Jorge de Figueiredo Corrêa, primeiro donatário, jamais abandonou seu cargo de Escrivão da Fazenda Real e as mordomias na Corte Lusitana para aventurar-se nas terras do Brasil. Apenas mandou seu intermediário, um castelhano, homem de guerra, autoritário e esforçado, chamado Francisco Romero. A Capitania progrediu, no princípio, com vários engenhos que forneciam muitas toneladas de açúcar por ano ao reinado português e sem problemas com os colonos e os índios.

Os índios Tupiniquim forneciam caça, pesca, frutas, raízes e outros gêneros alimentícios aos colonos, assim como madeira para as construções de prédios e embarcações e trabalhavam na derrubada das matas. Eles exerciam essas atividades em troca de ferramentas, roupas e utensílios que introduziram no seu dia a dia, após o contato com os portugueses. Esta relação cordial facilitou o crescimento inicial da vila com a construção dos primeiros engenhos e início das operações de exportação do açúcar. As tentativas de

escravização dos índios, entretanto, provocaram reações violentas desses, que não aceitavam o novo relacionamento.

Uma das revoltas quase provocou a destruição da Vila de Ilhéus e Mem de Sá, Governador Geral, foi mobilizado, desencadeando um processo de repressão que culminou com a Batalha dos Nadadores:

Neste tempo veio recado ao Governador como o gentio Tupiniquim da Capitania de Ilhéus se alevantava e tinha morto muitos cristãos e destruído e queimado todos os engenhos dos lugares e os moradores estão cercados e não comiam já senão laranjas e logo o pus em conselho e posto que muitos eram que não fosse por ter poder para lhes resistir nem o poder do Imperador fui com pouco gente que me seguiu e na noite que entrei em Ilhéus fui a pé dar em uma aldeia que estava a sete léguas da vila em alto pequeno toda cercada de água ao redor de lagoas e as passamos com muito trabalho e antes da manhã duas horas dei na aldeia e a destruí e matei todos os que quiserem resistir e a vinda vim queimando e destruindo todas as aldeias que ficaram atrás e por que o gentio se ajuntou e me veio seguindo ao longo da praia lhes fiz algumas ciladas onde os cerquei e lhes foi forçado deitarem nado no mar da costa brava. Mandeí outros índios atrás deles e gente solta que os seguiram perto de duas léguas e lá no mar pelejaram de maneira que nenhum Tupiniquim ficou vivo, e todos os trouxeram à terra e os puseram

ao longo da praia por ordem que tomavam os corpos perto de uma légua, fiz outras saídas em que destruí muitas aldeias fortes e pelejei com eles outras vezes em que foram mortos e feridos e já não ousavam estar sendo pelos montes onde matavam cães e galos e estrangidos da necessidade, vieram pedir misericórdia e lhes dei pazes com condições que haviam de ser vassallos de Vossa Alteza e pagar tributo e tornar a fazer engenhos. Tudo aceitaram e fizeram e ficou a terra pacífica em espaço de trinta dias, onde fui a minha custa dando mesada a toda pessoa honrada e também digo bom, como é notório.

Portanto, o resultado das revoltas dos Tupiniquim foi a redução rápida de sua população e a aceleração da desagregação social e cultural deste povo.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Ilhéus, onde se passa a maior parte da nossa história, está situada na faixa litorânea entre os estados da Bahia e do Espírito Santo. A sua situação geográfica está dentro das seguintes coordenadas: Latitude Sul 14° 47'55", Longitude W de Greenwich 39° 02'01". Limita-se ao Norte com os municípios de Aurelino Leal, Itacaré e Uruçuca; ao Sul com Una; a

Oeste com Itapitanga, Coaraci, Itajuípe, Itabuna e Buerarema; a Leste com o Oceano Atlântico.

O litoral de Ilhéus caracteriza-se por extensas e belas praias margeadas por coqueirais. São longos trechos retilíneos com pouca erosão ainda; há algumas modificações temporárias com a movimentação de areia na faixa praiana. Ilhéus é banhada por vários rios, sendo os principais: Cachoeira, que nasce no município de Vitória da Conquista e deságua na Baía de Ilhéus; o Rio Almada que nasce na Serra dos Vinháticos e deságua na Barra do Itaípe, acesso Norte da cidade, e outros rios menores.

Entre as diversas lagoas, a mais importante é a Lagoa Encantada, situada no Distrito de Castelo Novo. Sobre ela existem documentos relatando a subida de caravelas que eram surpreendidas pelas ilhas flutuantes que fechavam sua entrada, como ainda hoje acontece, só que naquela época os índios atacavam e matavam as tripulações. Além disso, as plantas aquáticas, subtraindo o reflexo dos astros, aguçam a imaginação dos supersticiosos, que atribuem o fenômeno a obra de perversos duendes, transformando as ilhas flutuantes em lobisomens e mulas sem cabeça.

Cinco morros circundam a cidade: Pernambuco, na entrada no Antigo Porto, São Sebastião, Conquista, Vitória e Boa Vista. Sob o ponto de vista climático o município de Ilhéus se caracteriza como intertropical úmido, com temperaturas médias de 24° C e média anual das máximas em 30° C - clima quente e úmido de floresta. As brisas são os ventos periódicos, mas o vento sul, frio e forte, acompanhado de chuvas, é bastante conhecido pela população, principalmente, no período de junho a agosto. A fauna é

típica da Mata Atlântica e a flora é variada.

OS CORONÉIS DO CACAU

Somente no século XVIII surgiu o cacaeiro na paisagem do sul da Bahia, quando as primeiras plantações foram feitas, em 1746, na Fazenda Cubículo, às margens do Rio Pardo, atual município de Canavieiras, então Capitania de São Jorge dos Ilhéus. O primeiro plantador de cacau foi Antonio Dias Ribeiro, que recebeu sementes do colono francês Luis Frederico Warneaux. Plantado, então, como simples curiosidade, ajudou a preservar boa parte da Mata Atlântica e ainda hoje é uma constante na paisagem regional. Naquela época, a lavoura açucareira predominava e alguns estudiosos afirmam que a plantação de cacau só sobreviveu graças à chegada do grupo de 161 alemães, chefiado por Pedro Weyll e Saueracker.

Os dois chegaram ao Brasil em 1818, seguindo o fluxo migratório que seguia D. João VI e, mais tarde, em 1822, mandaram buscar um grupo de 28 famílias que estava em Portugal fugindo das perseguições de Napoleão. Essas famílias saíram de Rotterdam, no navio Anna Luiza e desembarcaram em Ilhéus. Em 1823 e 1824, chegaram outros grupos de famílias vindas de várias regiões da Alemanha, principalmente de cidades da Prússia, Suabia e Ruhr Valley.

Entre os três grupos se encontravam os Bauch, Berbert, Bonin, Braits, Cordier, Dahl, Herscher, Hoffdem,



FOTO: GERALDO BORGES

Cacaueiro

Kith, Koch, Kyths, Lavinsky, Loups, Monstein, Muller, Ninck, Shimidt, Scher, Stefan, Sellmann, Schupach, Wyrztmun, Wence, Zunhagen, Kruschewsky, Schaun e outros.

Os Stefan vieram de Meissenhein; os Wyrztmun de Potsdan; os Berbert da Suabia; Koch e Cordier de Frankfurt; Schimidt, Ninck e Schaun de Berlim. Alguns, posteriormente, retornariam à Alemanha. A maioria era Protestante, provavelmente Luterana e, com o passar do tempo, com os casamentos e por pressão da Igreja Católica, foram se convertendo ao Catolicismo. Eram artesãos, pequenos industriais e profissionais: João Schupach era carpinteiro, Gustavo Wyrztmun médico e Jorge Koch cirurgião.

Provavelmente estas famílias não se conheciam entre si, mas não existem documentos que expliquem porque elas se encontravam em Rotterdan, naquele momento, ou como souberam de alguma oportunidade no Brasil. Mas o fato é que foram elas que expandiram os cacauais em terras cedidas pelo governo, na região de Castelo Novo, às margens do Rio Almada e em Cachoeira de Iraúna, às margens do Rio Cachoeira.

Até 1860 a produção de cacau era familiar, não monocultora, utilizando inclusive mão de obra escrava e só após esse período vai se instalando uma relação mais comercial com o trabalho assalariado e a comercialização da produção. O trabalho assalariado tem início com a chegada dos migrantes, do Norte do estado da Bahia e de Sergipe, expulsos daquelas regiões pelos senhores de engenhos de açúcar e pelo clima, eram os retirantes ou flagelados da

seca. As relações vão se modificando também a partir do crescimento das fortunas e na segunda metade do século XIX o cacau já representava a principal riqueza regional.

Originário das Américas Central e do Sul, o cacauero é nativo das bacias do Orinoco e do Amazonas. Antes de Cristo já era cultivado pelas grandes civilizações indígenas do Continente, principalmente pelos Astecas e Incas e, no México, sua semente foi utilizada como moeda. É uma planta da família *Sterculiaceae*, e foi batizada com o nome de *Theobroma cacao*, que significa manjar dos deuses.

A produção de cacau cresceu mais ainda na Região Sul da Bahia, onde encontrou condições climáticas iguais às de sua origem, e, já nas primeiras décadas do século XX, sua participação na economia baiana chegou a mais de 60%. O cacau trouxe características especiais para a região e se tornou a principal riqueza do Estado no momento de transição entre a escravatura e o capitalismo.

Em 28 de junho de 1881, Ilhéus foi elevada à categoria de cidade: era o escoadouro natural para o cacau e o centro político das decisões regionais e, à sombra dos cacaueros, surgiram os famosos Coronéis do Cacau. O coronelismo foi um vício que a Primeira República herdou do Império. Eles vieram com a criação da Guarda Nacional que prestou relevantes serviços ao Brasil, tanto na manutenção da ordem política como na repressão à criminalidade. Entretanto, nem todos tiveram o mesmo poder e a mesma influência como os do Sul da Bahia.

Na Região Cacaueira, eles moravam na cidade ou em

suas propriedades no interior e Ilhéus era o ponto de referência para todos, mas muitas patentes foram vendidas a ricos proprietários rurais da época e se superpunham à dominação econômica efetiva.

Os coronéis possuíam poder de vida e de morte sobre os cidadãos comuns e, em geral, resolviam as disputas pela força das armas, mas a relação de compadrio com algum potentado era elemento de segurança e estabilidade para qualquer um. A população que vivia em suas áreas seguia suas orientações econômicas, sociais e políticas, pois a sobrevivência dependia da boa vontade do coronel, que controlava desde as autoridades até os votos dos seus protegidos. Os governantes, intendentes, governadores e presidentes da República dependiam da influência de coronéis cor-religionários para se manterem no poder.

O título de Coronel era o mais alto a ser adquirido, mas as pessoas menos abastadas podiam comprar o de Major ou o de Capitão. Apesar disso, nem todos os grandes fazendeiros possuíam o título de Coronel e outros, quando eram premiados, até abriam mão de tais regalias. O detentor do título militar, além de aumentar o *status*, gozava de imensos privilégios, mas a grandeza do título não estava no comando do regimento e sim na relação dos aspectos sócio-políticos. Coronel era aquele que monopolizava o poder e se utilizava do poder privado, mantendo uma relação de força entre os proprietários rurais e o governo.

Entretanto, ele não era a continuação do Senhor de Engenho. Ao contrário, foi o resultado da decadência deste

e chegou a ser a ligação entre o governo e o povo, ocupando o espaço que devia ser do governo, mas onde o poder público ainda não havia chegado e o Estado só se fazia presente na cobrança dos direitos de exportação do cacau e na captura de votos dos chefes políticos.

Mesmo quando a Guarda Nacional foi colocada como força de reserva, em 1917, o título de Coronel continuou designando as pessoas abastadas ou que dispunham de poder político. O Exército não via aquela corporação militar com bons olhos, pois funcionava como um poder paralelo ao desempenho de suas funções, além de ter crescido tanto que chegou às raias do ridículo - eram coronéis pelo dinheiro, pela fazenda ou pelo prestígio junto ao eleitorado.

Assim, o Coronel é o poder privado em decadência e se confunde com o desbravador, o homem que um dia empunhou um facão e um machado para derrubar a mata virgem, erguer povoados e arruados e fazer nascer a Civilização do Cacau. Existe uma relação de compromisso entre o poder privado decadente e o poder público que se fortalece, o poder privado se enfraquecendo à proporção que o público se amplia. Entretanto, esta burguesia que, praticamente, sustentava as despesas do Estado no período da Velha República, não conseguiu se impor a toda a Bahia.

As elites baianas, entre elas os cacauicultores, gozavam de amplo reconhecimento político na Corte Imperial e resistiram à República até que entenderam, tanto liberais como conservadores, que bastava ser republicano para gozar dos mesmos privilégios do poder e recompor a domina-

ção política. E, é a partir de 1930 que esta estrutura se modifica: o coronelismo foi se transformando com o crescimento da classe média/burguesa que queria participar do poder político, ampliando suas esferas de poder e modernizando o poder oligárquico.

Além disso, o avanço dos meios de comunicação de massa (jornais, rádio e cinema) esclareceu as pessoas, obrigando as camadas populares a tomar consciência. O desenvolvimento da sociedade com o aumento do consumo que, automaticamente, promovia o desenvolvimento econômico, rompendo as relações pessoais de dependência, os escritórios dos profissionais liberais, os funcionários públicos, o direito de voto da mulher e o voto universal e secreto, enfim, todos estes aspectos, juntos, abalaram a política da eleição a bico de pena, onde os jagunços intimidavam os eleitores caracterizando o poder coronelesco. Era o tempo do curral eleitoral e do voto de cabresto.

O desenvolvimento econômico, a industrialização e a urbanização promoveram profundas modificações sociais no Brasil. As estradas vieram facilitar as comunicações e contribuiram em parte para o enfraquecimento do coronelismo. Atualmente, o coronel poderia ser comparado ao chefe político respeitado, que freqüentemente é homem culto, portador de título universitário, representado como profissional liberal e muitas vezes descendendo dos antigos coronéis, cujos ramos familiares mergulham nos séculos passados.

Os Coronéis do Cacau têm várias origens. Nem todos têm uma origem realmente nobiliárquica, alguns descendem de famílias da oligarquia açucareira, outros são prove-

nientes de homens do povo tangidos pela seca do Nordeste. E, talvez, a maioria, é filha de imigrantes estrangeiros que aqui chegaram antes da cacauicultura, na época do Império, fugindo de guerras e revoluções em seus países de origem. Assim, muitos contribuíram para a civilização do cacau: europeus, sírios, libaneses, baianos, sergipanos, negros e índios que trabalharam, se gastaram e desbravaram as matas para plantar o fruto dourado.

Nas roças, os trabalhadores rurais não conquistaram os mesmos direitos sociais dos trabalhadores urbanos e expressavam seus sentimentos cantando durante o trabalho:

CACAUEIRO

*Lá vem a chuva caindo
No pé da serra, aculá
Feche a barça depressa,
Mode o cacau não moiá.*

*Pise com fé no cacau
Pise com fé, sim sinhô
Prá fazer cacau brilhante
Mode embarcar no vapô.*

*A gente pranta o cacau
Acompanha até colhê,
Põe prá secar, põe no sacco
Prá os outros enriquecê.*

*De tanto pisar cacau
Na barça do ricaço,
Fiquei com a sola dos pé
parecendo calhamaço*

*A rolinha de cansada
Bateu o papo na areia
E batendo foi dizendo
Triste coisa é terra alheia*

*Êta vida desgraçada
Amarga, ranzinza, pau
Cadê o 13 de Maio
Prá quem vive no cacau?*

Entretanto, o cacau, produto de exportação, ligava diretamente o coronel aos poderes públicos do Estado, assim como havia uma relação direta com as firmas exportadoras, fazendo com que eles tentassem ser refinados. O Coronel do Cacau não precisava ser latifundiário. Sua riqueza era medida pela quantidade de cacau que colhia em suas propriedades agrícolas. Algumas reflexões nos levam a crer que ele estava atrás do lucro material, do dinheiro da roça, era um coronel de hipotecas e transações. Outras nos convencem de que os Coronéis do Cacau foram grandes capitalistas, mas não viviam só em função do dinheiro, se preocupavam com o desenvolvimento e o progresso da Região, na medida em que buscavam educadores para seus filhos, construíam e criavam entidades de classe que os representassem.

Assim, os coronéis vão trocando as casas das fazendas pelos palacetes urbanos, transformando as ruelas da cidade em ruas largas e alinhadas. Passam a ter em casa pianos alemães, máquinas de costura e de escrever. A champagne, a cerveja Bavária e os vinhos Collares e Bordeaux

são consumidos com naturalidade, além de cigarros alongados e tecidos importados, como casemiras, cretones e linhos. A vida social se transforma de acordo com os preços do cacau, enquanto as outras atividades, neste período, são artesanais.

As Primeiras Ligações

João Adam Schaun saiu de Berlim casado com Anna Catharina e as filhas ainda pequenas. O pré-nome João, provavelmente, foi adicionado ao nome ao entrar no Brasil e, além de militar, conhecia o ofício de padeiro. Só em 1859 ele se declara Católico.

Maria Margarida Schaun casou-se com Miguel Ninck.

Maria Felipinha Schaun é citada apenas no inventário de seu pai.

Maria Lisberta Schaun não tem outros registros, além do inventário.

João Adam se estabeleceu como padeiro, mas também lidava com agricultura. Em segundas núpcias, casou-se com outra alemã, Maria Juliana Dahl, e teve mais três filhos. João Adam faleceu em 1865, na Rua do Porto (Ilhéus), deixando uma casa de morada e uma padaria. Juliana faleceu em 1870.

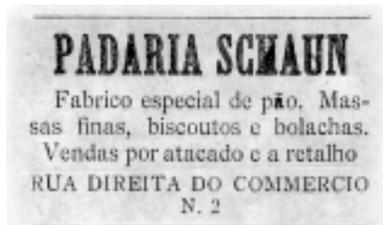
Francisca Schaun

Luíza Maria Schaun casou-se com Geraldo Miguel.

Adam Schaun Júnior batizado em 1834, na paróquia de Ilhéus, foi o padeiro mais bem sucedido, da cidade, na segunda metade do século XIX. Casou-se com Maria Adelaide.



Adam Schaun Jr.



Anúncio publicado na Gazeta de Ilhéus em 14.04.1901.



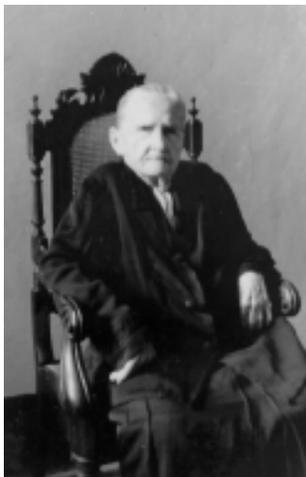
Helene Lavigne

Cecília Maria Schaun(Lilica)(1855) casou-se com José Joaquim Monteiro, em 1876.

* José Schaun Monteiro nasceu em 1875.

Leonida Schaun casou-se com José Miguel do Amaral em 1880 e, em segundas núpcias, com João Coutinho de Abreu, em 1902.

Adam Schaun Júnior, em segundas núpcias(1858), casou-se com Marie Helene Eleonora Lavigne, filha de Luiz Gaston Lavigne e Maria Joana Bonin. Foram testemunhas desta união: José Pereira de Andrade e José Martins. Tiveram oito filhos: Catharina, Adão, Luiz, Aphrodísio, Helena, Adelaide, José e Maria, que se consideravam alemães por serem filhos de alemães. Para os povos europeus nem sempre a nacionalidade está ligada à territorialidade. E, junto com muitas outras famílias de diversas nacionalidades, trouxeram o conhecimento e participaram da formação da sociedade ilheense, cada um se envolvendo em alguma atividade no comércio e na lavoura cacaeira. Adam faleceu em 11 de outubro de 1877, na comarca de Ilhéus, sem testamento, deixando dez filhos, sendo duas filhas do primeiro casamento. Deixou uma casa de morada na Rua Direita do Porto, cuja frente dava para a Rua São Sebastião (LAVIGNE/SCHAUN).



Catharina Schaun Lavigne

Catharina (Catita) (1856/29.07.1953), já bem senhora, chegou a receber notificação sobre uma herança dos Lavigne na Alsácia-Lorena, França.

Casou-se com José Gaston Lavigne (Cazuza) e teve duas filhas, formando o tronco SCHAUN/LAVIGNE.

* Getúlia Schaun Lavigne (Pequena) casou-se com Trajano Weyll. Tiveram sete filhos (LAVIGNE/WEYLL).

· Álvaro Lavigne Weyll

· Trajano Lavigne Weyll casou-se com Helena Caldas - ele é falecido e ela vive em Salvador.

- · Thelma Fátima Caldas Weyll Almada
 - · · Henrique Eduardo Weyll Wierieng
 - · · Bárbara Weyll Almada
 - · · Carla Weyll Almada
- · Tânia Maria Caldas Weyll é funcionária do Domínio da União
 - · · Bruno Weyll Rocha
 - · · Desirée Weyll Rocha
 - · · Dermeval Weyll Rocha



Trajaninho

- · Diná Teresa Caldas Weyll Estrelado
 - · · Márcio Vinicius Weyll Estrelado
 - · · Cristina Emanuela Weyll Estrelado
- · Antônio Raimundo Caldas Weyll - é empresário
 - · · Tiago Costa Lobo Caldas Weyll
- · Trajano Lavigne Weyll Júnior - é proprietário da VIP, empresa de vigilância, em Ilhéus e SERTEPRO, empresa de prestação de serviços, em Salvador.
 - · · Trajano Lavigne Weyll Neto



Maria Luiza e Cel. Senô Lavigne

- · · Rodrigo Cerqueira Weyll
- · · João Pedro Cerqueira Weyll
- Eliana Márcia Caldas Weyll França
- Carlos Lavigne Weyll...
- José Augusto Lavigne Weyll - conhecido como Lâmpada.
- Carmem Lavigne Weyll...
- Mírian Lavigne Weyll (Mirô) casou-se com José Maria Vasconcelos e vive em Salvador, onde tem descendentes.

- Dulce Lavigne Weyll vive no Rio de Janeiro, onde tem descendentes.



Leonor Lavigne

* Maria Luisa Schaun Lavigne casou-se com Antônio Lavigne de Lemos (Senô Lavigne)(29.09.1876/11.03.1953). Cacaucultor, seu nome consta da lista de principais coronéis de Ilhéus, no período de 1890 a 1930. Tiveram dez filhos, formando o tronco SCHAUN/LAVIGNE DE LEMOS.

- Luiz Lavigne de Lemos casou-se com Lucila Moreaux e não tiveram filhos (MOREAUX/LAVIGNE DE LEMOS).
- Leonor Lavigne de Lemos não deixou descendentes.

- Arlindo Lavigne de Lemos era médico, casou-se com Maria Adélia Matos e não tiveram filhos (MATOS DE LEMOS).

- Domingos Lavigne de Lemos é engenheiro e casou-se com Laura Pinto (PINTO/LAVIGNE DE LEMOS).

- · Antônio Lavigne de Lemos Neto- Salvador

- · Maria Dulce Pinto Lavigne de Lemos - Salvador

- · Maria Teresa Pinto Lavigne de Lemos - Salvador

- · Ana Lúcia Pinto Lavigne de Lemos - Salvador

- · Domingos Lavigne de Lemos Filho - Salvador

- · Laura Pinto Lavigne de Lemos - Salvador

- Pedro Lavigne de Lemos Sobrinho casou-se com Modesta Correa (CORREA/LAVIGNE DE LEMOS).

- · Pedro Lavigne de Lemos Filho é empresário em Ilhéus.

- · João Correa Lavigne de Lemos (Paru) vive em Ilhéus, onde dirige a Lavigne Construtora Ltda.

- · Maria Catarina Correa Lavigne de Lemos vive em Ilhéus.

- · José Correa Lavigne de Lemos é diretor da EMBASA em Ilhéus.



Catitinha Lavigne

- Ruy Lavigne de Lemos casou-se com Iolanda Antonello (ANTONELLO/LAVIGNE).

- · Ruy Antonello Lavigne - Rio de Janeiro
- · Eliane Antonello Lavigne - Rio de Janeiro

- Maria Catharina Lavigne de Lemos (Catitinha) - Ilhéus.

- Francisco Lavigne de Lemos casou-se com Cora Leal (LEAL/LAVIGNE DE LEMOS).

- · Antônio Francisco Leal Lavigne de Lemos (Ton Lavigne) é Bacharel em Direito e oficial de registro de imóveis em Ilhéus. Conheceu muitos personagens da nossa história, presenciou alguns acontecimentos e sabe muitos casos que ouviu na convivência com os parentes mais antigos.

- · Eduardo Leal Lavigne de Lemos - Salvador
- · Luiz Leal Lavigne de Lemos - Salvador
- · Domingos José Leal Lavigne de Lemos faleceu em 18/01/1998.

- · João Leal Lavigne de Lemos é funcionário da CEPLAC - Ilhéus.

- · Maria Luisa Leal Lavigne de Lemos
- · Carolina Leal Lavigne de Lemos - Linhares - ES

- Nilo Schaun Lavigne de Lemos casou-se com Maria Odete Mesquita (MESQUITA/LAVIGNE DE LEMOS).

- · Nilo Lavigne de Lemos Filho - Rio de Janeiro
- · Maria Anaide Mesquita Lavigne de Lemos - Rio de Janeiro
- · Sérgio Mesquita Lavigne de Lemos - Rio de Janeiro



Nilo e Ruy

- · Maria Luisa Mesquita Lavigne de Lemos - Rio de Janeiro
- · Marcos Mesquita Lavigne de Lemos - Rio de Janeiro
- · Vicente Mesquita Lavigne de Lemos - Rio de Janeiro
- · Jana Mesquita Lavigne de Lemos - Rio de Janeiro
- José Lavigne de Lemos casou-se com Aldair Roma Leão (ROMA LEÃO/LAVIGNE DE LEMOS).
 - · José Lavigne de Lemos Filho (José Lavigne) é diretor de programas da Rede Globo - Rio de Janeiro.
 - · Ana Luisa Roma Leão Lavigne de Lemos - Rio de Janeiro



Adão Schaun

Adão Schaun(1862) casou-se com Luisa Dias(1865) em 27.09.1885. De pele clara, cabelos loiros e olhos azuis, era baixinho, gordo e corado. Iniciou os negócios com uma padaria ao lado da casa onde morava, na Rua D. Pedro II, em Ilhéus, e residiu por muito tempo na Avenida Soares Lopes, 1.110. Gostava de fazer pão, cuidar das plantas e criar passarinhos. Possuía a patente de Tenente-coronel e foi Juíz de Paz no 1º Distrito de Ilhéus, que abrangia as regiões do centro da cidade, Pontal e Banco da Vitória. Seu nome consta da lista dos principais fazendeiros de Ilhéus no

período de 1890 a 1930, quando colhia cerca de 5 mil arrobas de cacau como proprietário de vasto patrimônio que incluía as Fazendas Mucambo e Água Branca. Tiveram duas filhas (DIAS/SCHAUN).

* Helena Dias Schaun casou-se com Antônio Monteiro de Souza (natural de Cairu - BA.) e viveram na Fazenda Nova Vida, no antigo Distrito de Pirangy, atual Município de Itajuípe. Tiveram três filhos (SCHAUN/MONTEIRO DE SOUZA).

· Nely Schaun Monteiro de Souza (06.03.1918) estudou piano e casou-se com Amilton Amorim de Almeida, representante comercial e comerciante. Criada pelos avós, conviveu bastante com os mais antigos da família e relata o dia a dia com saudade daquele tempo. Vive em Ilhéus (MONTEIRO/ALMEIDA).

· · Gustavo Eloy Monteiro Almeida é biólogo e mora em Salvador.

· · Nelian Schaun Monteiro de Souza é advogada e trabalha no Juizado de Pequenas Causas em Ilhéus.

· · Antônio César Monteiro Almeida - Ilhéus

· Luisa Schaun Monteiro de Souza (Didi) (13.10.1920) casou-se com Gerson da Silva Teixeira e vive em Salvador.

· · Antônio Carlos Monteiro Teixeira (geólogo) era casado com Dinalva (Dina) Oliveira Teixeira Monteiro (geóloga). Os dois eram militantes do PCdoB e desapareceram na Guerrilha do Araguaia, Sul do

Pará. A Lei 9140 reconhece 136 desaparecidos, no período de 1972 a 1974, na Guerrilha do Araguaia.

- · Emília Augusta Monteiro Teixeira é geógrafa em Salvador.

- · Carlos Alberto Monteiro Teixeira é funcionário público federal e mora em Salvador.

- · Eduardo José Monteiro Teixeira comercializa jóias em Salvador.

- Joselito Schaun Monteiro de Souza (20.03.1923) casou-se com Antonieta Portela, é aposentado e vive em Salvador.

- · Luís Eduardo Portela Monteiro de Souza é biólogo em Salvador.

- · Maria Cristina Portela Monteiro de Souza é assistente social em Salvador.

- · Paulo Roberto Monteiro de Souza é formado em Física e vive em Salvador.

- · Antônio Manoel Portela Monteiro de Souza vive em Salvador.

- · Emília Helena Portela Monteiro de Souza é professora de Inglês em Salvador.

* Lídia Dias Schaun casou-se com Mário Virolli, não teve filhos e faleceu aos 40 anos de idade, quando entrou em coma diabético. Mário, em segundas núpcias, casou-se com Iná Caldas e também não tiveram filhos.



João Schaun

Luiz Napoleão Schaun(1862) tinha patente de Major e foi suplente de Juiz de Direito. Era baixinho e magro, casou-se em 1890 com Elvira Bárbara da Silva, descendente de portugueses. Viveram em Ilhéus e tiveram dez filhos (SILVA/SCHAUN).

* João Schaun(1893) era engenheiro civil e geólogo, funcionário do Departamento de Portos, Rios e Canais, casou-se com Maria Catharina Calmon de Brito e viveram em Salvador. D. Elvira, sua mãe, perdeu um filho ainda bebê, que tinha um sinal no pé e quando o João nasceu tinha o mesmo sinal. Ela, impressionada, teve uma depressão puerpérea e Adão e Luisa Schaun o pegaram para criar com o objetivo de auxiliá-la. Era dedicado à família, íntegro nos negócios e gostava de fotografia e marcenaria. Teve oito filhos (CALMON DE BRITO/SCHAUN).



Raimundo Schaun

· Raimundo Augusto Schaun (14.08.1924) diplomado em Ciências Sociais pela UFBA, jornalista profissional trabalhou na imprensa como repórter, redator, editor e diretor, em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Também foi consultor de empresas na área de planejamento estratégico e foi presidente da Associação Brasileira de Relações Públicas. Como escritor já publicou: *A Conspiração das Ilhas*, em 1965, *Mato Verde e Magia*, *O Búfalo e o Tempo*, em 1979, e *Comunicação, Poder e Democracia*, em 1986. Foi apresentado às idéias socialistas pela própria família: João, seu pai e Nelson, seu tio. Em 1944,

se filiou ao Partido Comunista Brasileiro, do qual saiu em 1947, juntamente com um grupo. Foi casado com Itália Magnavita. Vive em Salvador.

- · André Luiz Schaun é Administrador em Salvador.
 - · · André Luiz Schaun
 - · · Felipe Schaun
- · Angela Magnavita Schaun é poeta, jornalista formada pela UFBA e professora universitária (UNIFACS), em Salvador.
 - · · Maurício Schaun Jalil
 - · · Daniela Schaun Jalil
- · Augusto Schaun - Salvador
 - · · Adriano Schaun
 - · · Isabelle Schaun
- · Geraldo Schaun - Salvador
 - · · Kirna Schaun
- Antônio Calmon de Brito Schaun (falecido) era engenheiro e foi casado com Najla Maluf.
 - · João Schaun - São Paulo
 - · Maria Cristina Maluf Schaun é socióloga em Salvador.
 - · Marcelo Maluf Schaun é empresário em São Paulo.
- Maria Luisa Schaun (falecida) era médica e foi casada com Simão Schnitman, proprietário das Lojas Ambiente, em Salvador.
 - · George Schaun Schnitman é empresário em Salvador.
 - · Anita Schaun Schnitman é pedagoga em Salvador.
 - · Sérgio Schaun Schnitman é empresário em Salvador.

- · Joana Schaun Schnitman é atriz em Salvador.
- · Luiz Schaun Schnitman é economista em Salvador.
- · João Schaun Schnitman é empresário em Salvador.
- · Mira Schaun Schnitman - Salvador
- Maria Catarina Schaun é assistente social em Educação em Salvador.
- Maria Emília Schaun faleceu aos 11 anos de idade em acidente ferroviário numa viagem entre Sergipe e Bahia.
- Maria Elvira Schaun (Vivi) casou-se com Edvaldo Queiroz Martins e vive em Salvador.
 - · João Francisco Schaun Martins é desenhista e projetista, em Salvador.
 - · · Viviane Decânio Schaun Martins
 - · · João Francisco Schaun Martins Filho
 - · José Armando Schaun Martins (Armando Schaun) é programador de sistemas e funcionário da Receita Federal, em Salvador. É casado com Cármen Dolôres d'Ávila Teixeira.
 - · · Illo d'Ávila Schaun
 - · · Milla d'Ávila Schaun
 - · Paulo José Schaun Martins é empresário, em Salvador.
 - · · Paulo José Schaun Martins Filho
 - · · Maria Emília Decânio Martins
 - · · Ângelo Augusto Decânio Bisneto
 - · Mário Emílio Schaun Martins - Salvador
 - · · Laís Albuquerque Schaun Martins

- · Polyana Schaun Martins - Salvador
 - · · Philippe Schaun Martins
 - · · Isis Schaun Martins Lopo
- Maria Melinda Schaun, casada com Ricardo Denis Terso, é técnica em recreação em hospitais e técnica em respiração. Praticava canto e vive em Salvador.
 - · Catarina Eugênia Schaun Terso é comerciária em Salvador.
 - · · Jamille Schaun Terso
 - · · Leandro Schaun Terso
 - · · João Paulo Schaun Terso
 - · Virgínia Schaun Terso - Salvador
 - · Miguel Calmon de Brito Terso - Salvador
 - · Henrique Lesino Schaun Terso é músico em Salvador.
- João Marcos Schaun é artesão em Salvador.
 - · Judith Muniz Schaun
 - · Antônio Marcos Muniz Schaun
 - · Guilherme Guerreiro Bianchi Schaun
 - · João Júlio Bianchi Schaun

* Luiz Napoleão Schaun Filho(1895) não teve filhos. Baixinho e magro, sofria de asma e tinha oficina mecânica na Rua da Linha, atual Bento Berilo, em Ilhéus. Seguiu o irmão Nelson Schaun nas idéias marxistas.

* Helena da Silva Schaun(1896)

* Almerinda da Silva Schaun(1898), de pele bem branca, cabelos loiros e olhos azuis, tinha uma intuição aguçada, chegando a ter premonições de acontecimentos que vinham a se confirmar, como a sua própria morte em 1947. Casou-se com Antônio Alves Bezerra(1900) e viveram em várias cidades do Sul da Bahia, onde lidavam com agricultura, produzindo e comercializando mudas. Tiveram quatorze filhos (SCHAUN/BEZERRA).

· Mariaelvira Schaun Bezerra nascida em 12.09.1923, às 15:00 horas de uma quarta-feira, no Arraial do Pontal. Casou-se com Basílio Santos, e vivem em Itapetinga-BA.

.. Alexandre Bezerra Santos é caminhoneiro e vive em Itapetinga.

.. Beatriz Bezerra Santos é técnica em Contabilidade, trabalha como costureira em Itapetinga.

.. Maristela Bezerra Santos é costureira em São Paulo.

.. Denise Bezerra Santos é pedagoga em Itapetinga.

.. Lucidalva Bezerra Santos é pedagoga em Itapetinga.

· Marialina Schaun Bezerra nascida em 06.12.1924, às 15:25 horas de um dia de sábado, na cidade de Ilhéus. Viúva de João Andrade, é aposentada e vive em São Paulo.

.. Neusa Maria Bezerra Andrade é Auxiliar de Enfermagem. Viveu muitos anos em São Paulo e recentemente mudou-se para Porto Seguro com o

objetivo de montar uma confecção.

.. Dilza Bezerra Andrade - São Paulo

.. Dilma Bezerra Andrade - São Paulo

.. Leonor Bezerra Andrade é bancária em São Paulo.

.. Moisés Bezerra Andrade é bancário em Vitória da Conquista - BA.

.. Suely Bezerra Andrade é técnica em Contabilidade em São Paulo.

.. José Lucas é técnico em Contabilidade em São Paulo.

· Marialita Schaun Bezerra nascida em 02.02.1926 na cidade de Ilhéus. Foi casada com Pedro Santos. Faleceu em 15.11.1984.

.. Marílza Bezerra Santos é comerciária em São Paulo.

.. Marlon Bezerra Santos faleceu em 1998.

· Luiz Schaun Bezerra nasceu em 25.04.1927, na cidade de Ilhéus. Faleceu ainda criança.

· Luilson Schaun Bezerra nascido em 09.11.1928, às 20:00 horas de uma sexta-feira, na cidade de Ilhéus, casou-se com Carmelita Souza. Está aposentado e vive em Camacã-BA.

.. Luíldima Souza Bezerra - Belo Horizonte

.. Carlos Alberto Souza Bezerra é falecido.

.. Lonilson Souza Bezerra é motorista em Salvador.

.. Luziana Souza Bezerra é professora em Camacã.

.. Antônio Souza Bezerra é funcionário da Prefeitura Municipal de Camacã.

.. Ludival Souza Bezerra é caminhoneiro em Camacã.

- . . Jonilson Souza Bezerra é técnico eletricista e vive em Canavieiras - BA.
- . . Silenê Souza Bezerra - Belo Horizonte
- . . Lusmarina Souza Bezerra - Canavieiras
- . . Osmário Napoleão Souza Bezerra é caminhoneiro em Camacã.

- . Raymundo Schaun Bezerra nascido em 17.08. 1930, às 16:00 horas de um domingo, na cidade de Ilhéus. Faleceu ainda criança.

- . João Schaun Bezerra nascido em 31.12.1932, às 5:00 horas de um sábado, no Arraial de Ferradas. Faleceu em 31.10.1934.

- . Paulo Schaun Bezerra nascido em 17.05.1934, às 6:00 horas de uma quinta-feira, no Arraial da Palestina - atual Ibicaraí-BA. Faleceu em 27.01.1936.

- . Almerônio Schaun Bezerra nascido em 22.01.1936, uma quarta-feira, no Arraial da Palestina. Casou-se com Maria de Lourdes de Almeida e é micro-empresário da área de confecção, em Camacã.
 - . . Almerinda de Almeida Bezerra é estudante de Pedagogia em Curitiba-PR.
 - . . Aldeny de Almeida Bezerra é professora e trabalha na confecção dos pais, bordando vestidos de noiva.
 - . . Aldecy de Almeida Bezerra é técnica em patologia e enfermeira pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Reside em Camacã.

- . . Alberto de Almeida Bezerra é micro-empresário em Camacã.
- . . Almeycy de Almeida Bezerra é comerciante em Camacã.
- Marivaldo Schaun Bezerra nascido em 14.12.1937, no Arraial da Palestina. Casado com Maria Agda é micro-empresário em Porto Seguro-BA.
 - . . Magnailda Schaun Bezerra é costureira em Camacã.
 - . . Marivaldo Schaun Bezerra Filho é taxista em Camacã.
 - . . Magno Schaun Bezerra é taxista em Porto Seguro.
 - . . Simone Schaun Bezerra vive em Mascote - BA.
- Marivalda Schaun Bezerra nascida em 14.12.1937, gêmea de Marivaldo. É viúva de Elson Costa e vive em Jequié-BA.
 - . . Elzely Bezerra Costa é comerciária em São Paulo.
 - . . Elton Bezerra Costa é fotógrafo em Jequié - BA.
 - . . Elvânio Bezerra Costa - Jequié
 - . . Elzeny Bezerra Costa é falecida.
- José Alberônio Schaun Bezerra nascido em 19.11.1939, um sábado, no Arraial da Palestina. Casou-se com Ivete Macêdo. Faleceu em 28.02.1983 em Camacã.
 - . . Albérico Macêdo Bezerra é contador no Rio de Janeiro.



Eulina e Fredrico Afonso

. . Aldérico Macêdo Bezerra é caminhoneiro em Governador Valadares - MG.

. . Ancelma Macêdo Bezerra é funcionária da Prefeitura Municipal de Governador Valadares.

. . Alberônio Schaun Bezerra Júnior é técnico em edificações em Governador Valadares.

* Eulina da Silva Schaun(1899) casou-se com Frederico Afonso Foepfel(1900) que era dentista, mas nunca exerceu a profissão (foi funcionário dos Correios e Telégrafos). Viveram um período em Canavieiras, onde nasceu a primeira filha e logo vieram para Ilhéus. Tiveram cinco filhos (SCHAUN/FOEPPPEL).

· Elvira Schaun Foepfel nascida em 15.08.1923, no Pontal de Ilhéus estudou no Instituto Nossa Senhora da Piedade, onde diplomou-se professora, mas seu maior interesse sempre foi a Literatura. Publicou textos, poemas em prosa e artigos no Diário da Tarde e em 1947 foi para o Rio de Janeiro, onde colaborou com: O Cruzeiro, Revista da Semana, Noite Ilustrada e A Casa. Além disso, se destacou no suplemento do Jornal do Brasil e publicou três livros: *Chão e Poesia* (1956), *Círculo do Medo*, contos (1958) e *Muro Frio*, romance (1961). *Íntimos da Morte* (romance), *Experimentos de Arroz* (contos) e *Memória Nua* (novela) ficaram inéditos. Uma das primeiras mulheres intelectuais de Ilhéus, conhecedora de filosofia e dos bons textos em prosa e verso, é comparada à Clarice



Elvira Schaun Foepfel

Lispector, em sua linguagem renovadora, pelos escritores da Região Cacaueira. Faleceu no Rio de Janeiro em 28.07.1998.

· Frederico Luiz Schaun Foepfel (25.05.1925/25.06.1999) também trabalhou no Telégrafo e herdou a oficina do tio Luiz Schaun, trabalhando com eletromecânica por muitos anos em Ilhéus. Casou-se com Mathildes Simões Figueiredo, tiveram 11 filhos.

· · Maria das Graças Figueiredo Foepfel é enfermeira em Itabuna.

· · Maria do Socorro Figueiredo Foepfel é gêmea de Maria das Graças. Professora de piano.

· · Frederico Eduardo Figueiredo Foepfel é funcionário da CODEBA em Ilhéus.

· · Roberto Luiz Figueiredo Foepfel é corretor de seguros em Ilhéus.

· · Marilucia Figueiredo Foepfel é funcionária da Empresa Telefônica em Ilhéus.

· · Raimunda Figueiredo Foepfel é professora.

· · Marisabel Figueiredo Foepfel é formada em Administração e funcionária da CEPLAC em Ilhéus.

· · Maria Aparecida Figueiredo Foepfel é economista e funcionária da UNIMED - Ilhéus.

· · Matildes Figueiredo Foepfel é formada em Economia pela UESC e vive em Ilhéus.

· · Márcia Maria Figueiredo Foepfel - Ilhéus

· · Jorge Marcos Figueiredo Foepfel é contador em Ilhéus.

- Maria José Schaun Foepfel é casada com Antônio Ribeiro e vivem no Rio de Janeiro.

- · Marta Foepfel Ribeiro
- · Luiz Foepfel Ribeiro é formado em Medicina Veterinária.
- · Cláudio Foepfel Ribeiro

- Maria de Lourdes Schaun Foepfel é casada com Vilivaldo Mayer e vivem em Salvador.

- · Frederico Alberto Foepfel Mayer
- · Isabel Foepfel Mayer é bailarina e veterinária.
- · Elizabeth Foepfel Mayer

- Raimundo Schaun Foepfel - Ilhéus

- * Maria Izabel Schaun (1900) casou-se com Antônio Pessoa da Costa e Silva Júnior.

- * Nelson Schaun - (10.04.1901/12.08.1968) Intelectual autodidata, se dedicou ao estudo da Filologia da Língua Portuguesa e da Filosofia Marxista. Jornalista, poeta e professor de português e latim, tinha conhecimento profundo sobre Ruy Barbosa e Alexandre Herculano. Desde pequeno demonstrou idéias extravagantes: um dia, quando cursava a 3ª série primária, o professor o castigou por alguma indisciplina e, enquanto apanhava, foi puxando a gravata do professor até quase enforcá-lo - foi expulso e não voltou mais aos bancos escolares. Mais tarde, quando Luiz Napoleão faleceu, ele, já conhecendo os princípios marxistas, quis cremar o corpo do pai. O tio Aphrodísio



Nelson Schaun

interveio e Luiz foi enterrado no mausoléu da família, no Cemitério da Vitória.

Era branco, de estatura mediana, parecia fechado para quem com ele não convivia, mas era de conversa agradável e sabia cativar as pessoas. Tinha facilidade de se comunicar tanto com líderes políticos e intelectuais da época como com os menos cultos. Dava aulas particulares no Curso Nelson Schaun, instalado em sua própria casa, principalmente para as alunas do Instituto Nossa Senhora da Piedade, onde as freiras eram rigorosas com o ensino e a educação. Reduzia as mensalidades do curso para os alunos que não podiam pagar e os pais ricos não tinham medo de entregar seus filhos a um comunista.

Iniciado nas idéias comunistas pelo tio João Schaun, foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro por 25 anos, ao qual prestou relevantes serviços por ser, inclusive, uma pessoa bem relacionada, mas, segundo os amigos mais chegados, era um idealista e, como um democrata solidário, viu no comunismo a possibilidade de reparação para a injustiça social. Compreendia com clareza as conexões que tinham que acontecer para a construção do socialismo como método dialético que se contrapõe aos métodos autoritários. Por conta de suas ligações com o Partido Comunista teve sua vida tumultuada, foi preso e precisou fugir e se esconder. Em algumas situações, inclusive, para garantir a sobrevivência da esposa e dos

filhos, precisou trocar seus nomes.

No período de 1938 a 1945, trabalhou na Fazenda "Os 22", de Carlos Pereira que também esteve presente em outras situações difíceis - era um empresário capitalista, mas preservou a vida de Nelson e de sua família. Nelson se relacionava bem mesmo com pessoas de partidos antagônicos. Assim, costumava conversar com Alberto Hoisel, integralista, no Bar de Barral, antiga Rua Marquês de Paranaguá, onde se formava platéia para admirar os diálogos e a discussão de idéias.

Numa das vezes que precisou se esconder, ficou na Fazenda Cachoeira, na Rodovia Ilhéus - Itabuna, propriedade de Geraldo Miguel Sobrinho e Maria Úrsula Torres Miguel, que fizeram uma cabana no meio do mato para Nelson e Vanja, sua esposa, e todos os dias levavam a alimentação. Esta reclusão deve ter durado mais ou menos um mês. Numa outra ocasião, ficou escondido sozinho na mata da Fazenda Rosário, de Senô e Maria Luiza Lavigne, e todos os dias Pedro Lavigne de Lemos (Pedrinho) ia levar-lhe as refeições.

Em 1954, sofreu o primeiro ataque de angina e, gradativamente, o Partido o abandonou até que tirou totalmente o pouco apoio que lhe dava. Nelson teve que voltar a dar aulas particulares a turmas seguidas durante todo o dia. Em 1957, se afastou do PCB, insatisfeito com a linha stalinista estabelecida no Brasil. Sempre registrou tudo o que acontecia em suas fugas e no seu dia-a-dia, mas, numa destas saídas repenti-

nas, os escritos foram destruídos pelos próprios familiares que tinham medo das perseguições. Junto com Abel Pereira, foi idealizador e fundador da Academia de Letras de Ilhéus e escreveu vários artigos para o Diário da Tarde, jornal mais antigo de Ilhéus. Foi casado com Vanja Kruschewsky Miguel e tiveram três filhos (MIGUEL/SCHAUN).

· Nicolau Miguel Schaun é engenheiro agrônomo funcionário da EMBRAPA, em Cruz das Almas - BA. Herdou de seu pai a Sociologia como alicerce para um sentimento humano de amor e isto o levou a assumir compromissos profundos profissionalmente e com as pessoas de quem gosta. Desenvolve um trabalho sociológico na construção de uma consciência coletiva no Conselho dos Agricultores Familiares Brasileiros. Chegou a acompanhar seu pai em alguns momentos difíceis, tendo como uma de suas primeiras memórias de criança uma lembrança onde era "Carlos", sua irmã Simone era "Joaninha", sua mãe era "D. Rita" e seu pai era "seu Jorge", um camponês que estava "botando" roçado de milho e feijão na Fazenda "Os 22". É casado com Eliana Andrade.

· · Márcia Andrade Schaun, arquiteta, casada com Flávio Henrique Ribeiro Reis. Vive em Sete Lagoas-MG.

· · Marina Andrade Schaun é estudante de Teatro na UFBA, Salvador.

- Simone Miguel Schaun é funcionária aposentada do INCRA, em Salvador.

- Maria do Socorro Miguel Schaun é casada com José Costa Cavalcante. Os dois são jornalistas e vivem em Salvador.

- · Luciana Schaun Cavalcante - estudante

- * Noé Schaun(1901) era fazendeiro e não teve filhos. Adotou Diogo Schaun que já é falecido.

- * Edson Schaun(1902) gostava de caçar, aprendeu com o irmão Luiz a trabalhar com mecânica e teve oficina de enrolamento de motor em Itabuna, onde viveu. Casou-se com Maria Rocha e tiveram seis filhos (ROCHA/SCHAUN).

- Antônio Rocha Schaun - Itabuna

- Terezinha Rocha Schaun (professora aposentada) é casada com Manoel Ferreira de Araújo. Ele assina Araújo como artista plástico. Vivem em Itabuna (SCHAUN/ARAÚJO).

- · José Edson Ferreira Schaun é professor de Arte e também trabalha com Informática em Itabuna.

- · Paulo César Schaun Araújo trabalha com serigrafia, é casado com Cláudia Maria Correia Heleno. Vivem em Itabuna.

- · · Tádía Cristina Heleno de Araújo

- · · Thaís Heleno Schaun de Araújo

- · Sérgio Schaun de Araújo é casado com Ivanete Souza Leão, trabalha com desenho e serigrafia.



Edson Schaun

Vivem em Itabuna.

- · · Tainá Leão Schaun de Araújo
- · · Oigres Leão Schaun de Araújo
- · Emerson Schaun de Araújo 16.02.73/12.06.98
- · Patrícia Schaun de Araújo - estudante

- Vanassi Rocha Schaun é viúva de Eduardo Kruschewsky (funcionário da Petrobrás) - Salvador.
 - · Paulo Schaun Kruschewsky é formado em Economia e trabalha com informática em Salvador.
 - · Cristina Schaun Kruschewsky - Salvador
 - · · Vanessa Schaun Kruschewsky

- Raimundo Rocha Schaun, formado em Eletromecânica pela Escola Técnica Federal da Bahia, é casado com Ilza Maria Dutra Couto, funcionária da Secretaria Estadual da Fazenda. Vivem em Itabuna.
 - · Maria Renata Couto Schaun
 - · Gessica Couto Schaun

- Edilson Rocha Schaun é falecido.

- Tadeu Rocha Schaun trabalha com arte e decoração em Itabuna.

- * Heloysa da Silva Schaun(1905) é casada com José Feliciano Gomes e vivem em Salvador. Têm cinco filhos (SCHAUN/GOMES).

- Thomás Luiz Schaun Gomes - Formado em eletromecânica, é funcionário da COELBA em Salvador.
 - · Ismael da Silva Gomes

- · Lia Rosa Silva Gomes
- · Tomás Luiz Gomes Filho
- · Frederico da Silva Gomes
- Maria José Schaun Gomes foi casada com Renato José de Oliveira Botas.
 - · Laura Lúcia Gomes Botas tem filhos e vive em Salvador.
 - · Pedro Augusto Gomes Botas tem 2 filhos e vive em Salvador.
- Maria Isabel Schaun Gomes foi casada com Adel Carvalho e vive em Salvador.
 - · Alberto Sérgio Gomes de Carvalho tem 2 filhos e vive em Salvador.
 - · Isabel Márcia Gomes de Carvalho tem 2 filhos e vive em Salvador.
 - · Marcelo Gomes de Carvalho - Salvador
- Luiz Napoleão Schaun Neto - Salvador
 - · Fábio da Costa Gomes - Salvador
 - · Luiz Napoleão Gomes Filho - Salvador
- Arthur Schaun Gomes é funcionário da COELBA em Salvador.
 - · Heloisa Gomes

Aphrodisio Schaun nasceu em 04 de julho de 1866. Claro, cabelos loiros e olhos azuis, apesar de não ser o mais velho, ocupava uma posição de conselheiro perante os irmãos, sendo procurado sempre que algum tinha

problemas e hospedando e auxiliando os doentes, os mais pobres ou os que moravam nas fazendas. Seu nome está na lista de principais fazendeiros de Ilhéus, no período de 1890 a 1930. Foi casado com Maria José Caldas e teve um único filho (CALDAS/SCHAUN).

* Oscar Caldas Schaun

Helena Maria Schaun(1868) casou-se com Alfredo Gaston Lavigne(1867) em 12.04.1890. Ele era filho de Francisco Gaston Lavigne e de Maria Joaquina Henriqueta Lavigne. Tiveram cinco filhos (SCHAUN/LAVIGNE).

* Olga Schaun Lavigne casou-se com Durval de Souza. Tiveram três filhos.

- José Lavigne Souza tem descendentes em Ilhéus.
- Catharina Lavigne Souza não deixou descendentes.
- Raimunda Lavigne Souza não deixou descendentes.

* José Gaston Lavigne está entre os principais fazendeiros de Ilhéus, no período de 1890 a 1930. Casou-se com Maria Alves e tiveram quatro filhos.

- Nely Alves Lavigne - Rio de Janeiro
- José Alves Lavigne - Rio de Janeiro
- João Alves Lavigne - Rio de Janeiro
- Amélia Alves Lavigne - Rio de Janeiro

* Victor Gaston Lavigne casou-se com Nair Gallo. Tiveram três filhos.

- Vanildo Gallo Lavigne tem descendentes em



Deijanira S. Lavigne

Itapitanga - BA.

- Vanilton Gallo Lavigne tem descendentes em Coaraci - BA.
- Vanilda Gallo Lavigne tem descendentes em Coaraci, Ilhéus e Rio de Janeiro.
- Vinaldo Gallo Lavigne tem descendentes em Itabuna.
- * Deijanira Schaun Lavigne casou-se com Domingos Alves Bonfim. Não tiveram filhos.

* Júlia Schaun Lavigne (26.12.1900/22.03.1983) casou-se com Francisco dos Santos e tiveram dois filhos.

- Sinarinha Lavigne Santos é professora aposentada de Matemática e vive em Ilhéus.
 - . . Juliana Lavigne Almeida é estudante - Ilhéus.
- Alfredo Lavigne Santos é agricultor aposentado e vive em Ilhéus.
 - . . Marinês Calixto dos Santos - Ilhéus
 - . . Adilson Calixto dos Santos - Ilhéus
 - . . Marineuza Calixto dos Santos - Ilhéus



Júlia Schaun Lavigne

Adelaide Schaun (06.08.1871/17.03.1957) casou-se com José das Neves Cezar Brasil(1847), cuja firma comercial foi a mais bem sucedida em 1875. José das Neves foi um dos grandes comerciantes e proprietários de fazendas em Ilhéus, no período de 1875 a 1930, vindo a falecer em 1927. Não tiveram filhos e, como não havia herdeiros diretos, D. Adelaide doou todos os

bens. Para a Diocese deixou: a Casa do Monsenhor Barreto, localizada atrás da Igreja de São Jorge; a casa do Padre, na Rua das Quintas; os móveis e o terreno onde funciona o Bispado, nos fundos da Igreja de São Jorge; as terras onde foi construído o Instituto Nossa Senhora da Piedade e o local onde está instalado o cemitério da Vitória. Para a Santa Casa de Misericórdia deixou terras que abrangem quarteirões do centro da cidade. Para Júlia Schaun Lavigne, sua sobrinha e afilhada, deixou uma casa na Praça Coronel Pessoa, hoje de Sinarinha e Alfredo; deixou ainda uma fazenda para Pedro Pinto da Silva, encarregado de cuidar de seu túmulo. Aphrodísio, seu irmão, que durante muitos anos administrou seus bens e funcionava como conselheiro tentando sempre apaziguar os ânimos da família, quis convencer D. Adelaide a mudar o testamento e deixar alguns bens para os parentes mais pobres, mas ela não aceitou as sugestões. Seu casamento com um negro não havia contado com a aprovação da família. Os dois ficaram brigados até o fim da vida.



Adelaide Schaun Brasil

Maria Schaun(1875) - seu nome consta em alguns documentos, mas os parentes mais antigos não ouviram falar dela.

José Schaun(Cazuza)(1873) não deixou descendentes. Magrinho, era o de maior estatura física entre os irmãos. Morava na fazenda e viveu sempre sob os cuidados de Aphrodísio.

Os mais velhos conversavam em alemão, mas não gostavam de falar das ligações com a Alemanha nem dos problemas que obrigaram o Sr. João Adam a emigrar, além de não permitir que os filhos participassem das conversas.

O INSTITUTO NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Corria o ano de 1915, D. Manoel de Paiva, primeiro Bispo de Ilhéus, aproveitou a festa de Bodas de Ouro de D. Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo da Bahia, para solicitar às Irmãs Ursulinas a abertura de um colégio em Ilhéus, pois a cidade ainda não possuía nenhum estabelecimento religioso de ensino. Madre Maria Thaís do Sagrado Coração Paillart, francesa, nomeada recentemente para ser a Provincial da Ordem das Ursulinas no Brasil, estava para abrir uma casa em São Paulo com toda a infra-estrutura garantida, mas depois de meditar um pouco na capela do Colégio Nossa Senhora das Mercês, - *"A fonte não tem necessidade de água e onde não tem é preciso criar a fonte"*, pensou e perguntou à Madre Priora: *"Madre Mère, viemos ao Brasil a fim de ganhar dinheiro ou ganhar almas para Deus?"* e a resposta foi imediata: *"Certamente, almas, Reverenda Madre!"*.

E Madre Thaís: *"Então, está decidido, com as devidas autorizações, faremos uma fundação em Ilhéus, deixemos São Paulo com todo o seu conforto e vamos ajudar esse*

pobre Bispo sem recursos, que não tem ninguém para dar uma educação cristã às jovens de sua diocese. Ele não possui grande coisa (apenas uma casa conveniente e a possibilidade de contar com recursos financeiros da população), nem tampouco nós, mas Deus ajudará e a nós também".

Em sua primeira visita à Ilhéus, Madre Thaís ficou hospedada na residência do Cel. Rodolfo de Melo Vieira. E qual não foi a sua surpresa quando encontrou, no quarto que lhe fora reservado, uma imagem de Nossa Senhora da Piedade, da qual era devota desde outros tempos, na França. Mais nenhuma dúvida... "a nova casa Ursulina será o Colégio Nossa Senhora da Piedade". Depois de todo o processo burocrático em Roma, deixaram Salvador três Madres e duas Irmãs, no dia 20 de janeiro de 1916.



I.N.S.P.

Foram recebidas com festa pela comunidade e tomaram posse da casa onde o Bispo morava - seu Palácio Episcopal. Logo Madre Thaís saiu à procura de um local, mas o Cel. José das Neves Cezar Brasil e Senhora Adelaide Schaun Brasil doaram ao Bispado a colina das Quintas. Foi feita uma planta do conjunto como ela queria e, em novembro do mesmo ano, chegava, para ser sua secretária, Madre Maria Teresa do Menino Jesus D'Croocq. Juntas, foram as duas colunas mestras do atual Instituto Nossa Senhora da Piedade.

O Colégio começou a funcionar em fevereiro de 1916 com 16 alunas e a primeira turma foi diplomada em 20 de

novembro de 1923. Em 30 de janeiro de 1931, D. Eduardo José Herberhold substituiu D. Manoel e doa para as Ursulinas o novo Palácio Episcopal que estava sendo construído ao lado do Colégio. Madre Thaís continua a obra e cria o Orfanato Santa Ângela, numa homenagem à fundadora da ordem Santa Úrsula, em 15 de setembro de 1934.

Mas em 24 de julho de 1939 morre, inesperadamente, D. Eduardo. Ele retornava da Assembléia dos Bispos do Brasil, realizada no Rio de Janeiro e, ao pernoitar em Salvador, teve um ataque cardíaco. Estava com 67 anos. D. Eduardo nasceu 28 de julho de 1872, em Lippstadt na Alemanha e iniciou sua vida como Frei, em 4 de maio de 1890.

D. Eduardo gostava de crianças e sobretudo dos pobres, aos quais atendia com carinho particular, não medindo esforços para ajudá-los e anunciar-lhes o Evangelho. Por três vezes foi Ministro Provincial dos Franciscanos no Nordeste do Brasil. Missionário incansável costumava visitar os lugares mais distantes da Diocese que se estendia de Valença até a divisa com o Estado do Espírito Santo e estimulou a construção da Catedral de São Sebastião, em Ilhéus, onde foi sepultado.

Madre Thaís, com o objetivo de perpetuar sua memória, mudou o nome do Orfanato para D. Eduardo.

Nascida a 17 de fevereiro de 1868, em Cledeny Finistère, França, Madre Thaís gostava de repetir: *Scio Qui credidi, sei em quem confiei*, e, com este lema, ainda criou a Escola Santa Ângela, para atender às meninas de famílias pobres. Após 67 anos de profissão, faleceu em 05 de junho

de 1955. Madre Terezinha, nascida em 06.07.1890, na França, depois que parou de trabalhar, ficava na janela da clausura, acompanhando de longe tantos estudantes que por ali passaram, vindo a falecer em 20.05.1992, com quase 102 anos de idade.

A importância da opção feita por Madre Thaís vem se refletindo na sociedade da região, pois, desde então, o Instituto Nossa Senhora da Piedade vem educando e formando gerações e gerações de crianças e jovens dentro do propósito de Santa Ângela Merici, que é formar integralmente o homem.

Inicialmente, tudo era cercado de muito mistério: apenas as meninas tinham acesso ao colégio. Eram as filhas dos coronéis, de famílias abastadas do interior, as órfãs, as filhas da classe média trabalhadora que depois, em sua maioria, se dedicaram à educação de outros jovens ou se tornaram profissionais liberais trazendo as novas idéias para toda sociedade.

Era o silêncio... e tantos corredores que, aparentemente, não levavam a lugar nenhum, eram tantas salas fechadas. Todas queriam saber aonde levavam tantos corredores, o que escondiam tantas salas fechadas, queriam conhecer a clausura e ir à torre mais alta e à rocinha.

Hoje, o colégio mantém os mesmos princípios, mas os corredores sempre levam a algum lugar. As salas estão sempre cheias de estudantes que navegam pelo mundo,



D. Eduardo

através da Internet. A rocinha é aberta, no ginásio de esportes há sempre alguém jogando bola e os pátios enormes deixam os pequenos correrem livremente.

E cada estudante que passa por ali tem sempre uma história para contar, seja uma ilustre senhora, da primeira turma (mais tarde seria educadora, deixando um sólido colégio em Ilhéus), que fez amizade com um dos cachorros que guardavam aquela casa e, numa noite, conseguiu amarrá-lo à corda do sino, fazendo o maior alvoroço; sejam as internas que tinham medo de alma e as viam em todos os lugares; sejam os desportistas que ganharam tantos campeonatos; sejam alguns meninos do curso científico, na década de 70 (hoje pais de família e doutores), que colocaram uma saca de sal no tanque de água e, como castigo, tiveram de subir para lavar o reservatório; sejam os alunos da década de 90 que fazem viagens virtuais. Todos têm uma história para contar.

Enfim, quem passou pelo INSP reconhece a dedicação daquelas mulheres e suas sucessoras, que um dia deixaram suas famílias e sua cultura do outro lado do mundo para vir aqui, educar, apenas educar pessoas!

A casa de "seu" Aphrodisio

Aphrodisio Schaun se criou em Ilhéus, convivendo com os irmãos e sobrinhos. Ele não herdou fazendas, mas todo o terreno da subida da Vitória, hoje centro da cidade, era dele, de Adelaide e de Luiz, por herança. Aphrodisio, em sociedade com o cunhado Zezinho Caldas, teve um armazém, na Praça da Prefeitura, mais ou menos onde hoje é a Primeira Igreja Batista de Ilhéus. Caladão e muito sério nos seus negócios, gostava de fazer o próprio pão para o café e de mexer com mecânica e marcenaria. Todas as noites sentava-se na Praça da Prefeitura, junto com Moisés Daneu, Domingos Fernandes Sol e Moisés Bichara para conversar até às 9:00 horas. Eram os amigos mais chegados.

A casa de número 31 da Praça Coronel Pessoa era o ponto de encontro dos irmãos para conversar e tomar um licor. Estava sempre cheia, pois os parentes e amigos que moravam nas fazendas se hospedavam lá. O armazém foi transformado em padaria, encerrando a sociedade e, com os rendimentos da padaria, ele comprou fazendas na região próxima à atual rodovia Ilhéus-Uruçuca: Fazenda São Jorge, depois a São Luiz e a Boa Vista. Mais tarde comprou a São Miguel e a Olaria. Chegou a colher 5 mil arrobas de cacau, o



Aphrodisio Schaun

que era uma boa produção e lhe dava *status* de coronel - seu nome consta da lista dos principais fazendeiros de Ilhéus, no período de 1890 a 1930. A São Miguel e a Olaria foram vendidas pelo filho Oscar. Em sociedade com o Sr. Côrtes, construiu o Vitória Palace (cine-teatro), na Praça Coronel Pessoa, o qual foi anterior ao Cine-Theatro Ilhéos, atual Teatro Municipal de Ilhéus.



Maria José Caldas

Aphrodisio apoiou Eusínio Lavigne em uma eleição, recebeu o cargo de Juiz de Paz, andou muito pelo interior fazendo os casamentos nas comunidades e resolvendo pequenas questões. Católico praticante e devoto de Senhor dos Passos, era da Irmandade São Vicente de Paulo, para a qual doou um terreno na Ladeira da Vitória, que foi vendido na época da construção do abrigo São Vicente de Paulo, no bairro da Conquista. Foi Vogal da Associação Comercial na gestão de Álvaro Melo Vieira. Adquiriu uma área no Cemitério Nossa Senhora da Vitória, por 30 mil réis, onde construiu o Mausoléu Perpétuo da Família Schaun. Estão sepultados lá: Adam, Helene, Luiz Napoleão, Aphrodisio, Maria José, Nelson Schaun e Augusto Caldas. Faleceu em 18 de julho de 1943, aos 76 anos. Foi casado com Maria José Caldas.

♥ Maria José Caldas (D. Iaiá) nasceu em 10 de janeiro de 1872 e faleceu em 1963, aos 91 anos. Como boa descendente de portugueses, era muito conversadeira e conservou o sotaque até o fim. Freqüentava a Igreja e fazia parte da Congregação Coração de Maria. Era filha de José Dias Pereira

Caldas e D. Porfíria, proprietários de um engenho de açúcar, no São João, local próximo ao Banco da Vitória. O engenho, mantido com trabalho escravo, teve grande importância no período da cana de açúcar. Mas apesar do sucesso aqui na região, esta cultura desapareceu completamente com o advento do cacau.

Aphrodisio e Maria José tiveram apenas um filho, formando o tronco (CALDAS/SCHAUN).

♠ Oscar Caldas Schaun

A CIVILIZAÇÃO DO CACAU

Esta era uma época de fartura e de conquistas, os coronéis criaram a Civilização do Cacau, com seus casarões, móveis importados e objetos valiosos - "*havia pobreza, mas não havia miséria*", falam os mais antigos. Ilhéus chegou a ter cinco cinemas. As viagens ao Rio de Janeiro e à Europa eram freqüentes e a influência francesa era marcante. Aliás, era da França que se importavam todos os modismos, desde a roupa até a comida. As jovens que estudavam no Instituto Nossa Senhora da Piedade falavam francês fluentemente em suas casas. Os intelectuais ligados às elites governantes eram positivistas, entretanto, os jagunços circulavam pela cidade com seus casacões e seus armamentos (Winchesters de papo amarelo, arma de repetição, calibre 45), principal-



Coronel Adami

mente em período de eleições.

A classe média era formada por operários, comerciários, bancários e profissionais liberais, o comércio, formado basicamente por árabes, desenvolveu a vida urbana. Houve grandes fortunas e o Estado nunca retribuiu a grandeza que o cacau criou. Este abandono, além de fortalecer a posição do Coronel, que tinha poder de vida e de morte sobre as pessoas, deu origem, na primeira metade do século XX, à idéia do Estado de Santa Cruz, que visava separar a Região Cacaueira do Estado da Bahia. As lutas que se travavam em Ilhéus, neste período, estão relacionadas diretamente a códigos de honra e nem sempre envolviam a disputa pela terra.

Dois coronéis lideravam várias dezenas de outros coronéis do Sul da Bahia e apenas dois partidos disputavam o poder: o Partido Republicano, chefiado por Domingos Adami de Sá e o Partido Federalista, chefiado por Antônio Pessoa da Costa e Silva, que possuía muitos jagunços. O Coronel Adami era amigo do Governador e dispunha de muito prestígio junto ao Senado da Bahia, além de ser herdeiro político do Coronel Ernesto de Sá Bittencourt Câmara que manteve o poder em Ilhéus no final do século passado.

Esta era também a época de João Mangabeira, nascido em Salvador a 23 de junho de 1880, aos 17 anos, formou-se pela Faculdade de Direito da Bahia. Advogado, jovem e idealista, foi o precursor do progresso de Ilhéus, lutando contra o Pessoismo ao lado das



Coronel Pessoa

forças políticas do Coronel Adami e foi redator do jornal *A Luta*. Fundador do Partido Socialista Brasileiro e defensor dos direitos humanos, foi Deputado Estadual, em 1906 e, simultaneamente, Intendente e Deputado Federal (1908/1911). Amigo e biógrafo de Ruy Barbosa, participou da Campanha Civilista. Em 1929, foi Senador da República, mas foi preso ao combater a ditadura na década de trinta. Com a chegada do Parlamentarismo, foi Ministro das Minas e Energia e, depois, da Justiça. Entre outras obras publicou: *Em torno da Constituição*, *Ruy, o estadista da República* e *Ruy Barbosa*. Faleceu em 27 de abril de 1964.

O antagonismo entre adamistas e pessoistas refletia-se nos jornais. A relação entre empregados e patrões era de fidelidade e compadrio, "*como se pertencessem à própria família*", dizem os descendentes dos coronéis. O reflexo da riqueza do cacau fazia-se sentir na vida noturna com boates que funcionavam todas as noites e onde o jogo campeava. Era a época de "O Bataclan" e os cinemas e teatros completavam as noites dos que buscavam o lazer.

Entretanto, no interior, a violência chegava às agressões físicas. No Distrito de Sequeiro do Espinho, os Badaró representavam o pessoismo e do outro lado o Coronel Basílio de Oliveira, adamista, representava a situação. Antônio Fernandes Badaró teve onze filhos, entres eles os legendários Francisco Fernandes Badaró (Sinhô Badaró) e José Joaquim Fernandes Badaró (Juca Badaró). Esta história é contada



João Mangabeira

por Jorge Amado, no livro *Terras do Sem Fim*. Amigos se tornaram adversários, lavradores, desbravadores, construtores da riqueza da região cacaueteira brigaram porque a política os armou. Basílio de Oliveira, violento e destemido, representava a própria firmeza da lavoura cacaueteira. Os Badaró representavam a valentia dos conquistadores da selva.

Essa violência armada não foi uma constante, pois eram pessoas de trabalho e de família que a política transformou em homens de guerra. O 28º BC - Batalhão de Caçadores do Exército, de Aracaju, sob o comando do Coronel Augusto Maynard, aportou em Ilhéus, em 1919, com o objetivo de recolher todo armamento existente nas fazendas. Alguns fazendeiros passavam manteiga nas armas e as jogavam dentro dos rios - a manteiga as conservava para serem usadas posteriormente. A Justiça atuou e voltou a paz. Aliás, a presença do advogado sempre foi forte em todos os setores da vila. Existiam mais advogados do que médicos, engenheiros ou outros profissionais liberais.

Uma quadrinha do folclore regional fala de três coroneis e do advogado famoso:

*Na corage - Henrique Alves,
No dinheiro - Misaé,
O Pessoa - na política,
Mangabeira nos papé.*

Nos anos vinte, apareceram por Ilhéus os primeiros anarquistas e comunistas e foram os anarquistas que trou-

xeram o pensamento progressista para a região, apesar da educação seguir as orientações dos coronéis. Os médicos eram também amigos das famílias: Dr. João Soares Lopes, Dra. Odília Teixeira Lavigne, Dr. Raymundo Pacheco, Dr. Genaro Sampaio, Dr. Arthur Lavigne e Dr. Hernani Sá atendiam à domicílio, nem sempre cobravam as consultas e visitas e tinham que percorrer todo o interior para assistir à comunidade rural. Durante muito tempo a cidade tinha apenas dois farmaceuticos para aviar as receitas para os pacientes.

Nesta mesma época, Ilhéus possuía três boas escolas particulares: o Colégio Nossa Senhora da Piedade, das irmãs Ursulinas, o Colégio de Dona Alina, Escola Afonso de Carvalho, e o Ateneu Fernando Caldas, de Josephina Vilas Boas. Dona Zefa era uma professora notável de escola antiga, mestra de Jorge Amado e de outros doutores famosos. E Dona Alina Carvalho era uma querida professorinha de olhos azuis, que se casou com um suíço e foi embora. Tempos depois ficou viúva e, voltando a Ilhéus, se casou com outro suíço. No entanto, nunca abandonou seus meninos e meninas fardados de azul e branco. Os dois colégios competiam no rendimento escolar dos alunos, nos primeiros lugares do exame de admissão e nos desfiles escolares. O Ateneu Fernando Caldas acabou quando D. Zefa se aposentou e o Colégio Afonso de Carvalho continua educando crianças e jovens através das herdeiras de D. Alina.

OS CALDAS

O sobrenome Caldas está classificado como nome de família de origem toponímica, ou seja, vem do nome do lugar do fundador da linhagem. Caldas era uma jurisdição da antiga Província de Santiago, na Galícia, que compreendia a Vila de Caldas de Reis e a Freguesia de Santa Maria de Demil. Etimologicamente, este vocábulo significa banho de águas minerais quentes e procede da calda - ação e efeito de introduzir nos fornos de fundição certa quantidade de combustível para produzir neles um aumento de temperatura.



Brasão Família Caldas

Alguns cronistas dizem que Caldas é o sobrenome de antigos fidalgos das montanhas de Leão que viveram no local e no Vale de Caldas, de onde se estenderam até Portugal. O progenitor da família portuguesa foi Garcia Rodrigues de Caldas, natural do solar de Caldas e partidário de Pedro, o Cruel, que foi para a corte durante o reinado de Dom Fernando de Portugal, onde casou-se com D. Leonor de Sousa, herdeira de vastas propriedades e de bons padroados que transmitiu à descendência, bem como o nome Caldas. No século XVII, os primeiros descendentes vieram para a América do Sul e, atualmente, no Brasil, temos várias famílias com este sobrenome, mas nem sempre conseguimos estabelecer vínculos, alguns chegam a ser parentes por consideração.

Em Ilhéus as primeiras referências começam com:

- ◆ José Dias Pereira Caldas filho de Firmino Pires Caldas e Mariana Joaquina de Queiroz, portugueses, nasceu em Ilhéus. Foi Tenente da Guarda Nacional e casou-se com Maria Porfíria Fontes, irmã de Lídia Fontes que deu nome à Vila Lídia, no início da Rodovia Ilhéus/Uruçuca e Claudentina Fontes, esposa do Coronel Paiva, filhas de Porfírio Feliciano Fontes e Anna de Paiva. Em segundas núpcias, casou-se com Joana Viegas. Residia na Fazenda São João (engenho de açúcar), próxima ao Banco da Vitória. Teve 10 filhos.

* Firmino Caldas casou-se com Possidônia Alves, tia de Mathildes Simões Figueiredo Foepel, e tiveram seis filhos (ALVES/CALDAS).

· Maria José Alves Caldas casou-se com Jorge Raimundo.

· · Gildo Caldas Raimundo é proprietário da BATA, Bahia Taxi Aéreo.

· · Gilza Caldas Raimundo é professora da Escola de Música da UFRJ.

· · Ginaldo Caldas Raimundo é geólogo e vive no Rio de Janeiro.

· · Gilton Caldas Raimundo é falecido.

· Josephina Alves Caldas foi casada com Antônio Paulo da Silva. Vive no Rio de Janeiro.



Firmino Caldas

- · Djacir José Caldas Paulo - Rio de Janeiro
 - · · Márcia Paulo - Rio de Janeiro
 - · · Marcos Paulo - Rio de Janeiro
 - · · Gisele Louise Paulo - Rio de Janeiro
- · Jurandir Caldas Paulo é falecido.
 - · · Leide Jane Paulo - Rio de Janeiro
 - · · Cristina Paulo - França
- José Alves Caldas casou-se com Ivone Calmon Cardoso.
 - · Firmino Cardoso Caldas (Chulu) - Contagem - MG
 - · · Andréa Cardoso Caldas é Geóloga em Itambé-BA.
 - · · Cristina Cardoso Caldas - Itambé
 Com Jandira Alves dos Santos teve:
 - · · Jeferson dos Santos Caldas, comerciante em São Paulo.
 - · · · Iury Caldas
 - · · Marcos Santos Caldas trabalha com importação e exportação em São Paulo.
 - · · · Sara Souza Caldas
 - · · · Mariana Souza Caldas
 - · · · Victor Souza Caldas
 - · · · Beatriz Souza Caldas
 - · · Carlos Alberto Santos Caldas (Quinho) é jornalista, Coordenador da Revista Moto Show, em São Paulo.
- João Alves Caldas é aposentado -Rio de Janeiro.
 - · Ada Costa Caldas Weissmuler - Rio de Janeiro
 - · Aida Costa Caldas é bancária no Rio de Janeiro.
 - · Ida Costa Caldas é bancária no Rio de Janeiro.

- · Ricardo Costa Caldas é funcionário da Empresa de Saneamento do Rio de Janeiro.
- · Adiará Souza Caldas é empresária em São Paulo.
- · Carla Alessandra Souza Caldas - Curitiba - PR
- Terezinha Alves Caldas é casada com Antônio Oliveira.
 - · Alessandra Caldas Oliveira é professora no curso de Letras no Rio de Janeiro.
- Helena Alves Caldas casou com Trajano Lavigne Weyll, filho de Pequena e Trajano. Existem referências a eles no início deste livro.



Terezinha
e Helena Caldas

* José Caldas Filho (Zezinho Caldas), Coronel da Guarda Nacional, era cacauicultor e seu nome está entre os maiores fazendeiros da região e entre os principais coronéis de Ilhéus, no período de 1890 a 1930. Faleceu em 14 de outubro de 1945, em Salvador, sendo sepultado no Cemitério do Campo Santo. Casou-se com Joaquina de Souza, portuguesa, nascida em 16 de outubro de 1891, na Freguesia de Cucujões, Conselho de Oliveira de Azemeis, Distrito de Aveiro - Portugal (filha de Agostinho Lopes de Souza e Ana Ferreira Lopes). Ao ficar viúva geriu os negócios do marido vindo a falecer em 1987. Foi sepultada junto ao marido, em Salvador. Tiveram três filhos (SOUZA/CALDAS).



Coronel Zezinho Caldas

· Oswaldo de Souza Caldas nasceu em 11 de junho de 1910, em Ilhéus. Estudou interno no Colégio Maristas, em Salvador, e formou-se na Faculdade de Direito da Bahia, em 1931, com 21 anos de idade. Foi Juiz de Direito na cidade de Una, no Sul da Bahia, advogado, fazendeiro e Deputado Estadual nos anos 50, Governo de Antônio Balbino. Era um excelente marido e pai, boêmio, gostava de cultivar bons amigos, uma boa mesa e também era um “bom copo”. Amante da vida, amigo sincero, falava a verdade e não cultivava rancores. Procurou dar aos filhos a melhor educação, incentivando-os a cultivar as letras e os estudos. Típico filho de fazendeiro de cacau, foi contemporâneo de Hermes Lima, Pinto de Aguiar, Jorge Amado, Waldir Pires, Adonias Filho, Antônio Carlos Magalhães, Nelson Carneiro, com quem manteve amizade até sua morte. Se enquadra em diversos perfis da literatura do cacau e poderia ser personagem de livros da saga do cacau. Habitado às facilidades da vida de filho de fazendeiro, não almejava grandes riquezas, não procurava amealhar, era capaz de dar a camisa ao primeiro que passasse e lhe parecesse necessitado. Não fazia distinção de classes sociais, sentava à mesa de um botequim com um trabalhador e comia com seus empregados da mesma maneira que freqüentava o Palácio do Governador. Inteligente, possuía cultura geral e tinha uma fina ironia para soltar piadas e gracejos na hora certa. Tinha aversão a jogo de cartas, mas

não dispensava uma “fé” no jogo do bicho. Muito lhe agradava uma boa cachaça e não gostava de uísque. Emotivo, adorava fazer discurso e abrir a casa aos amigos. Morou em Buerarema, Coaraci, Itabuna, Una, Ilhéus e Salvador , antes de ir para o Rio de Janeiro, em 1960, onde veio a falecer, vítima de acidente automobilístico, em 20 de dezembro de 1975. Deixou uma tradição folclórica na política baiana. Sebastião Nery e Prisco Viana, jornalistas no seu tempo de Assembleia Legislativa, fizeram diversas referências em crônicas às suas “tiradas” nos discursos. Amigo de Antônio Balbino, deu-lhe em batismo a filha mais nova e o chamava de *o Balbino do meu compadre*. Foram amigos até sua morte. Casou-se com Edith Conde em 27 de setembro de 1939, em Ilhéus - ela nascida em Guaracy (hoje Coaraci), filha de João Espínola Conde Sobrinho e de Esther Alves Pereira. Tiveram seis filhos (CONDE/CALDAS).



Oswaldo Caldas

· · Esther Caldas Guimarães Bertoletti nasceu em Coaraci em 30.06.41. Formada em Jornalismo pela PUC/RJ, em 1964, e Direito pela UFRJ, em 1965, é funcionária do Ministério da Cultura na Fundação Biblioteca Nacional onde coordena Planos de Preservação de Documentação Histórica. É casada com Ítalo Guimarães Bertoletti, político, advogado, sociólogo e professor da Universidade Cândido Men-

des. Vivem no Rio de Janeiro.

. . . Joaquim Pedro Caldas Guimarães Bertoletti nasceu em Roma, Itália, em 10.03.70, enquanto Esther fazia Pós-Graduação. É arquiteto formado pela UFRJ, em 1993. Atualmente é gerente de Incorporação e Marketing da GAFISA, Construtora Gomes de Almeida Fernandes, São Paulo.

. . . Maria Edith Caldas Guimarães Bertoletti nasceu em Roma, Itália, em 08.07.72. É advogada formada pela UERJ, em 1995, com Especialização em Direito Tributário e Pós-Graduação na Universidade de Harvard, Boston, MA, USA.

. . . Graciema Maria Caldas Guimarães Bertoletti é gêmea de Maria Edith - Roma, Itália, em 08.07.72. É economista formada pela UFRJ, em 1994, com Especialização na área de Investimentos Internacionais na Universidade de Harvard, Boston, MA, USA.

. . . Maria Manuela Caldas Guimarães Bertoletti nasceu no Rio de Janeiro em 21.09.77. É estudante de Medicina, UFRJ.

. . José Conde Caldas nasceu em Itabuna em 09.12.42. É arquiteto (UFRJ), diretor presidente da Construtora CONCAL Ltda., casado com Viviane França Gouvêa e vivem Rio de Janeiro.

. . . Patrícia de Gouvêa Conde Caldas (25.01.68)

é formada em Economia - Rio de Janeiro.

... Gabriela Conde Caldas Rocha (06.11.98)

... Carolina Conde Caldas Rocha (06.11.98)

... Rodrigo de Gouvêa Conde Caldas (31.07.70)
é administrador das empresas da família no Rio de Janeiro.

... Sérgio de Gouvêa Conde Caldas (21.12.71)
é arquiteto formado pela Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro.

.. Maria Christina Conde Caldas nasceu em Ilhéus em 13.03.46. Formada em Biblioteconomia pela USU, em 1985, é funcionária da Biblioteca Nacional. Também é Artista Plástica, assinando seus quadros como Chris Conde. É casada com Ruben Rojas, chileno, e vivem no Rio de Janeiro.

... Christina Ernestina Conde Caldas Rojas, nascida em Miami, Flórida, em 22.10.76. É estudante de Direito na Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.

.. Maria das Graças Conde Caldas nascida em Salvador em 26.04.48, viúva de Carlos Alberto Pereira, atualmente é casada com o Prof. Dr. Thomas Lewinshon, do Departamento de Biologia/Ecologia da Universidade de Campinas. É formada em Jornalismo pela UFRJ, tem Mestrado e Doutorado em Comunicação Social pela USP e é professora de Comunicação da PUC/CAMPINAS.

... Alessandra Conde Caldas da Silva(14.08.71)

formada em Relações Públicas pela PUC/CAMPINAS, é casada com Marcos Alberto Shapovalov e vivem em Campinas - SP.

. . . Ana Caldas Lewinshon é estudante de Teatro da UNICAMP.

· · Eduardo Conde Caldas nasceu em Salvador em 01.04.51, é casado com Sara Zarko e atualmente é empresário no Rio de Janeiro.

· · · Oswaldo Zarko Conde Caldas (14.03.80) é estudante de Administração da UFRJ.

· · · Raphael Zarko Conde Caldas (17.09.82) pretende ser jornalista.

· · Maria de Fátima Conde Caldas nasceu em Salvador em 02.09.55. Formada em Educação Artística, é professora de Artes do Estado e do Município do Rio de Janeiro. Também é Artista Plástica.

· Zulmira de Souza Caldas (falecida) casou-se com Hild Lima.

· · Maria do Socorro Achê Pilar - Rio de Janeiro

· Maria de Souza Caldas (Dedé), casou-se com Marcelino Santana e vivem em Salvador.

· · Maria Tereza Caldas Santana

· · Maria Caldas Santana

· · Maria de Fátima Caldas Santana

· · Maria Bernadete Caldas Santana

· · Maria de Lourdes Caldas Santana

· · Maria Lúcia Caldas Santana

- . . Marcelino José Caldas Santana
- . . José Caldas Santana

* Antônio Caldas nasceu em 13 de junho de 1890. Foram testemunhas de seu registro de nascimento: Coronel Albino Francisco Martins e o Farmacêutico Pedro Lavigne de Lemos. Era seguidor de Juracy Magalhães e trabalhava na Coletoria do Estado, atual Secretaria da Fazenda. Casou com Antonieta Magalhães (D. Iaiá) e teve doze filhos (MAGALHÃES/CALDAS).

· Albérico Magalhães Caldas morreu de tifo aos 18 anos.

- Albênio Magalhães Caldas é falecido.
 - · Albérico Morais Caldas - Divinópolis - MG
 - · Albênio Morais Caldas é empresário em Brasília.
 - · Iucena Maria Morais Caldas - Divinópolis - MG.

- Antonieta Magalhães Caldas é falecida.
 - · Maria Antonieta Caldas Pinto Coelho é professora de Geografia em Salvador.
 - · Angelina Maria Caldas Araújo é formada em Administração e vive em Salvador.
 - · Márcia Caldas Araújo é assistente social em Salvador.
 - · Patrícia Caldas Araújo - Salvador
- Adilson Magalhães Caldas - Salvador
 - · Lídia Caldas - Salvador



Antônio Caldas

- José Magalhães Caldas é falecido.
 - · Vera Barral Caldas - Salvador
 - · Eduardo Barral Caldas - Rio de Janeiro
 - João Magalhães Caldas é falecido.
 - · Karina Caldas - Feira de Santana
 - · Sumaya Caldas - Feira de Santana
 - · Cristiane Caldas
 - Álvaro Magalhães Caldas, funcionário aposentado da PETROBRÁS, é casado com Silvia Freire e vive em Salvador.
 - · Marcelo Freire Caldas é dentista em Salvador.
 - · Maurício Freire Caldas é contador em Salvador.
 - · Renata Freire Caldas é formada em Ciências Sociais e vive Salvador.
 - · Ana Paula Freire Caldas é formada em Administração e vive em Salvador.
 - Maria Célia Magalhães Caldas Pereira - Ilhéus
 - · Martha Caldas Pereira é empresária em Ilhéus.
- Posteriormente, com Maria Anita Santos teve:
- Luiz Santos Caldas é funcionário da Prefeitura de Ilhéus.
 - · Thales dos Santos Caldas

- Luzia Santos Caldas Machado- Ilhéus
 - · Amanda Caldas Machado
- Luciene Santos Caldas é professora em Ilhéus.
 - · Giovanna Caldas Guimarães
- Ana Paula Santos Caldas - Ilhéus
 - · Thaíse Caldas Porto
- * Ana Caldas (Donaninha) casou com Sr. Gusmão de quem logo se separou e não chegou a ter filhos. Criou o sobrinho Álvaro Magalhães Caldas.
- * Joaquim Caldas
 - Constant Caldas - Salvador
- * João Caldas Primo era Delegado e dono da farmácia, em Monte Santo-BA. Casou três vezes e, na festa de um dos casamentos, Lampião chegou e mandou todos os convidados dançarem nus enquanto os jagunços fiscalizavam com as armas apoiadas no peitoral. Essa história foi muito comentada na época. Mantinha um bom relacionamento com Aphrodísio e Maria José e, periodicamente, trocavam visitas. Com Francelina Silva Passos teve apenas um filho, mas deixou outros descendentes em Monte Santo.
- Euvaldo Silva Caldas (03.11.18/14.04.63) bancário, escrevia artigos para o Jornal Diário de Notícias. Casou-se com Joselinda Cunha que reside em Salvador.
 - · Euda Cunha Caldas (30.12.38) é geógrafa e professora da Escola de Geografia da UFBA.

- · · Alfredo Henrique Caldas de Souza é arquiteto em Salvador.
- · · Carlos Euvaldo Caldas de Souza é economista em Salvador.
- · · Conrado Guilherme Caldas de Souza é economista em Salvador.
- · Plínio José Cunha Caldas (20.01.39) foi funcionário da PETROBRÁS. É casado com Martinha Martins.
 - · · Agda Maria Martins Caldas Fadul é nutricionista e funcionária do BANEb.
 - · · Euvaldo da Silva Caldas Neto é economista em Salvador.
 - · · Paulo Henrique Martins Caldas (falecido) estudou Engenharia Civil.
 - · · Plínio José Cunha Caldas Júnior é contador em Salvador.
 - · · João Paulo Martins Caldas
- · Euvaldo José Cunha Caldas (11.04.40), casado com Maria Ester Nascimento, é economista.
 - · · Cláudia Nascimento Caldas é economista em Salvador.
 - · · Mônica Nascimento Caldas é formada em Química - Salvador.
- · Carlos José Cunha Caldas (28.08.45), casado com Íris Borges, é aposentado do BANEb.
 - · · Maria Caldas é formada em Administração e vive em Salvador.

- · · Leonardo Borges Caldas - Salvador
- · Maria Cândida Cunha Caldas (24.08.47) é economista e vive em Salvador.
- · · Ricardo Caldas - Salvador
- · Maria Auxiliadora Cunha Caldas (01.01.56) é desenhista industrial em Salvador.
- · · Thiago Caldas Nunes

. Edson Caldas, também filho de João Caldas Primo, morou um período na casa de Aphrodísio, em Ilhéus.

* Mariana Caldas, muito bonita, era cuidada por "vó" Líbia, uma negra descendente de escravos do Engenho de "seu" José Dias Pereira Caldas. Faleceu cedo e foi enterrada na sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Vitória.

* Augusto Caldas, filho do segundo casamento, nasceu em 1900, viveu sempre com os irmãos e sobrinhos, era magrinho, calmo, gostava de contar histórias para as crianças e levá-las para a escola. Não deixou descendentes, morreu em 26 de agosto de 1981.

Fala-se que as pessoas da família Caldas só morrem depois dos 90 anos. Mesmo que este limite de idade varie de descendente para descendente, realmente, são pessoas que falecem bem idosas e durante suas vidas mantém fortes os laços de parentesco.

HERÓI DE VERDADE

D. Sinhá, Claudentina Fontes, tia de D. Maria José, foi casada com o Coronel Joaquim Ferreira de Paiva. Político e militar, seu nome está entre os principais coronéis de



Coronel Paiva

Ilhéus, no período de 1890 e 1930. O Coronel Paiva adquiriu sua patente nos campos de batalha e foi um herói nacional - "soldado da constância e do valor". Este Coronel "de verdade" nasceu e morreu na mesma casa, situada à rua que tem o seu nome, em Ilhéus. Foi herói da Guerra do Paraguai, participou do episódio da Retirada da Laguna, comandando o 20º Batalhão de Infantaria de Goiás e, por sua participação neste episódio, é citado na obra de Taunay. Recebeu várias condecorações, uma das quais das mãos do próprio Imperador D. Pedro II.

Foi amigo pessoal do Marechal Deodoro da Fonseca, que, inclusive, lhe comunicou, através de telegrama, a notícia da Proclamação da República e do qual também recebeu, como recompensa, após a instalação da República, a nomeação para a Intendência. Segundo Intendente de Ilhéus, governou o novo município de 1892 a 1896. Teve quatro filhos: Eudóxia (Doxinha), Carolina (Iaiá), Joaquim (Quincas) e Ana (Donana) que mantiveram a ligação com as gerações mais novas da família até o final de suas vidas, por volta dos anos 70, quando faleceram já bem velhinhos. Nenhum dos filhos deixou descendentes.

O Ribeirão Seco de Macisco

♠ Oscar Caldas Schaun, filho único de Aphrodísio e Maria José, nasceu em 14 de agosto de 1903. Foi criado na Fazenda São Jorge e, mais tarde, foi estudar no Colégio Salesiano, em Salvador, onde tomou um castigo dos padres, fugiu e voltou para Ilhéus. O pai, Aphrodísio, abriu uma torrefação de café num compartimento embaixo da casa da Praça Coronel Pessoa, onde residiam. Quando Aphrodísio se deu conta, Oscar já tinha vendido a torrefação e comprado terras de Zezinho Dantas. Trabalhou como tropeiro e foi fazendo roça na região do Ribeirão Seco de Macuco, hoje Município de Buerarema.

A Feliz Vitória, apesar de ser uma propriedade pequena, produzia tudo que era consumido pela família. Comprava-se, na feira de Macuco, apenas sal, soda cáustica e querosene. Tinha criação de vacas de leite, ovelhas, cavalos e éguas e, quase toda semana, abatia-se um boi, do qual uma parte era vendida e o restante ficava para o consumo da família. O próprio Oscar fazia a carne do sol, e, na verdade, tudo era feito por ele e pelos filhos. Ele próprio cortava a madeira e os meninos a transportavam para fazer o fogo para a fábrica de dendê, sabão e açúcar. Os maiores carregavam mais peso e os menores carregavam os pauzinhos pequenos.



Oscar Caldas Schaun

Algumas tarefas ficavam para o domingo que acabava se transformando num dia normal de trabalho, como: dar banho nos animais, tosar as ovelhas, dar remédios aos animais, consertar as cercas, etc. Tinha muito cacau, ele ia colhendo e os pequenos iam juntando. A casa da fazenda tinha as paredes externas de taipa e as internas de tábuas, era toda assoalhada e alta em relação ao chão. Tinha uma sala de visitas que tomava toda a largura da casa, quatro quartos que davam as portas para o corredor (dois de cada lado) e a sala de jantar que também tinha a largura da casa, onde ficava uma mesa grande, com bancos compridos e cadeiras apenas nas cabeceiras. Nesta época, a coalhada e o requeijão eram os produtos mais consumidos.



Casa da Fazenda
Feliz Vitória

Assim era na Fazenda Feliz Vitória...

Com mais ou menos 60 anos de idade perdeu a visão com um deslocamento da retina e atrofia do nervo ótico. Apesar disso, se manteve na direção de suas fazendas e dirigia todos os serviços que tinham que ser feitos. Costumava ralar com os netos dizendo: "*menino e cachorro é perto de quem come e longe de quem trabalha*", que aprendeu com "seu" Aphrodisio. Impressionava a sua percepção: sabia logo quando alguém mexia em suas coisas e não confundia os muitos netos. Logo ao pedir a bênção ele sabia com quem estava falando e os que conviveram mais de perto têm boas recordações e falam com carinho de sua afetividade. Faleceu em 13/11/1981 aos 78 anos. Foi casado com Victória Alves do Amparo e tiveram nove filhos.

O DIA A DIA

D. Victória conheceu "seu" Oscar quando ele passava com a tropa de burros na Fazenda São Bento, onde ela morava. Assim começou o namoro. Depois de casada, ela passava o dia costurando ou fazendo renda de bilro na sala da frente da casa, da Feliz Vitória, sentada sobre as pernas. Fazia roupa de "carregação", uma mescla azul ou bege que era usada como o jeans atual, e dava as ordens para o pessoal da cozinha e as filhas maiores: Lita, Quitiu, Dadinha e Noca. A cada semana, uma dupla ficava na cozinha e outra ia para o rio lavar roupa. D. Victória protegia Dadinha e "seu" Oscar protegia Noca e "seu" Didi, segundo filho do casal. Não havia médicos nem farmaceuticos nos arredores e os remédios eram caseiros e naturais, utilizando ervas e plantas nativas da região. Zequito, primeiro filho, morava em Ilhéus com os avós, mas quando ia de férias trabalhava junto com os outros carregando madeira, juntando cacau, puxando o bolinete de um lado com Didi e Oscar do outro, para espremer a cana e fazer açúcar, ou no pilão para o fabrico de dendê - quando um levantava a mão do pilão o outro baixava.

Depois do jantar, com o candeeiro aceso e colocado no meio da mesa, todos iam debulhar e catar feijão, arroz ou milho. Enquanto não acabava o serviço ninguém ia dormir. Onofre era o menor e ficava sentado no centro da mesa. Quando começava a cochilar, era levado para a rede. A fazenda tinha casa de farinha - D. Victória ralava a man-



D. Vitorinha

dioca e "seu" Oscar puxava com o pé, os meninos raspavam e peneiravam a massa da mandioca. Amaro, marido de Nonô, era contratista e contava que:

"Uma noite estava fazendo farinha com "seu" Oscar quando alguém veio chamar para ir buscar a parteira Naninha. Às seis da manhã, eu ouvi os foguetes e pensei: tem gente nova na casa. Logo "seu" Oscar chegou e disse: nasceu Dinalva..."



Casa da Faz. São Jorge

Nesta época, o cacau era levado para a cidade pelos meninos montados em animais. Eles iam tocando os burros carregados. Dava uma hora a pé até Macuco.

Tempos depois, no São Jorge, Didi, já rapaz, trazia a tropa de burros, carregada, para Ilhéus. Eram seis léguas e dava mais ou menos seis horas a pé. A tropa vinha até o estacionamento próximo das Docas, no antigo Porto. As firmas de cacau ficavam na Rua Marquês de Paranaguá e os fundos davam para a feira e para o Porto, onde hoje ficam as lojas e os bancos. Quando um prefeito proibiu o movimento de animais no centro da cidade, as tropas deixavam o cacau na Praça Florêncio Gomes e, de lá, as carroças o transportavam até as firmas e o Porto.

Alguns anos se passaram e Didi comprou uma tropa de burros para fazer frete para muitos fazendeiros da região próxima ao São Jorge, levando o cacau até Castelo Novo. De lá o cacau vinha de canoa. A tropa era ensinada: ele batia

com a taca chamando o nome de cada animal e estes ficavam em forma, tanto na hora de carregar como na hora de descarregar. Em outra época, a tropa ia até o Lava Pés, Estação da Estrada de Ferro, e o cacau era transportado para a cidade no trem de carga. De madrugada, o trem ia deixando os vagões vazios nas estações e à tarde voltava recolhendo os já carregados.

OUTRAS HISTÓRIAS

Victória nasceu a 13 de maio de 1907. Era filha de José Alves do Nascimento, daqui da região mesmo, e de Maria da Silva Tavares (D. Mariquinha), irmã de Plínio, Silvino, Avelina e Misael da Silva Tavares. Avelina era mãe de Elisa e avó de Toinho, que aparece mais adiante. Eram descendentes dos índios da região do Cururupe e viviam numa área do início da Praia do Sul, Rodovia Ilhéus-Olivença.

José Alves do Nascimento era irmão de Joaquim Alves do Nascimento, pai de Alverina, mulher de tio França e do primeiro marido de tia Noca, que também vão aparecer mais à frente, na história. Os dois eram baixinhos, fortes e tinham olhos azuis. "Seu" José morreu aos 95 anos.

D. Mariquinha era alta, meio calada, mas valente, enérgica e trabalhadeira. Viveu com José Alves no Barbosa, uma roça próxima ao Rio do Braço, até a enchente de 1914,

quando se mudaram para a Fazenda Monte Alegre, junto à Fazenda São Francisco, de Misael Tavares, em Macuco. Ficou viúva duas vezes, José Alves foi seu terceiro marido. Teve sete filhos. Já com uma certa idade, saía a pé de Buerarema e ia para a roça colher frutas. Colocava cangalha na mula e vinha tocando o animal carregado de volta para casa, onde o amarrava na porta e colocava as frutas na janela para vender. Mandava a mula de volta pela primeira pessoa conhecida que passasse. *Conta-se que ela escondia o dinheiro numa mala embaixo da cama e que um dia, após uma enchente, ao abri-la... o dinheiro estava todo mofado.*

OS FILHOS DE D. MARIQUINHA

- * Domingos Francisco Tavares
 - Lourival Francisco Tavares - São Paulo
 - Domingos Francisco Tavares
 - Leonice Francisco Tavares - Salvador
 - Lindonor Francisco Tavares (Nonô) casada com Amaro dos Santos, foi a babá dos filhos de Vitorinha e Oscar.
 - · Marivaldo Francisco dos Santos
 - · Maria de Lourdes Francisca dos Santos
 - · Avelina Francisca dos Santos
 - · Arlete Francisca dos Santos é funcionária da COELBA em Salvador.
 - · Juarez Francisco dos Santos - Itabuna

- · Reginaldo Francisco dos Santos - Itabuna
- Deusdete Francisco dos Santos (Detinha) - Itabuna
- Maria Madalena Francisca dos Santos (Lili)
- * Luiz Francisco Tavares deixou descendentes na região do Ribeirão Seco de Macuco.
- * Analina Francisco do Amparo
- Waldecy Francisca Pereira (Dedê) - Falecida.
 - · José Raimundo Pereira da Silva - Itabuna
 - · Maria Aparecida Pereira da Silva - Itabuna
 - · Zilson Raimundo Pereira da Silva - Itabuna
 - · Maria do Socorro Pereira da Silva - Itabuna
- Antônio Francisco Pereira (Tônico) é falecido.
- José Francisco Pereira
- Waldemar Francisco Pereira - Itabuna
 - · Walderilda Monte Carvalho Pereira
 - · Waldenise Monte Carvalho Pereira
 - · Waldeck Monte Carvalho Pereira
- Dionísia Francisca Pereira - Rio de Janeiro
- Olderaldo Francisco Pereira - Itabuna



Nonô

* Júlio Alves do Amparo era moreno, alto e magro.

- Jaime Alves do Amparo - São Paulo
- Fernando Alves do Amparo - São Paulo

- Djalma Alves do Amparo - São Paulo

- Gidobaldo Alves do Amparo - São Paulo

* Paulino Alves do Amparo (Paulo) era bem branco, tinha olhos azuis. Muito educado, falava baixinho e viveu em Itabuna muitos anos (01.03.1908/06.12.1997). Foi casado com Filomena da Silva (D. Filó) e tiveram dois filhos.

- Idalício Alves da Silva, calmo e calado, é aposentado do BANE. Casado com Soélia Midlej. Vivem em Ilhéus.

- · Gustavo Midlej da Silva é bancário em Ilhéus.
- · Paulo César Midlej da Silva faleceu em 11/09/1994.



Idalzina, Idalício, Filó e Paulo

- · Cristiane Midlej da Silva é estudante em Ilhéus.

- Idalzina Alves da Silva - Itabuna

Com Maria Henrique de Almeida teve:

- Oscarina Henrique Amparo - São Paulo
- Noel Henrique Amparo - São Paulo

* Francisco Alves do Amparo (França) nasceu em 25.03.1911, moreno e magro, é casado com Alverina Nascimento e vivem em Buerarema. Ela é filha de Joaquim Alves do Nascimento. Tiveram um filho.

· Wanderlei Alves do Amparo (21.07.1951) - Buerarema-BA.

.. Wanderlei Alves do Amparo Júnior (26.04.1980)

.. Wanderson de Santana Amparo (13.06.1981)

.. Marley Alves Oliveira Amparo (06.03.1988)

.. Gessica Alves Oliveira Amparo (09.10.1991)



Alverina e França

CORONEL MISAEL TAVARES

Manoel Misael da Silva Tavares nasceu na Fazenda onde hoje está instalado o Parque de Exposições de Ilhéus, em 16 de dezembro de 1867. Era filho do Coronel Manoel da Silva Tavares e Maria Saloméa Fernandes da Silva. Considerado um "capitalista", foi cacauicultor, banqueiro, político e industrial, sempre preocupado com o progresso da sua terra e com o desenvolvimento da sua cidade. Foi o mais típico

representante da elite grapiúna. Calmo e falando pausadamente, costumava cumprimentar a todos e parar para conversar com as pessoas na rua. Ascendeu da humilde função de tropeiro à condição de capitalista.

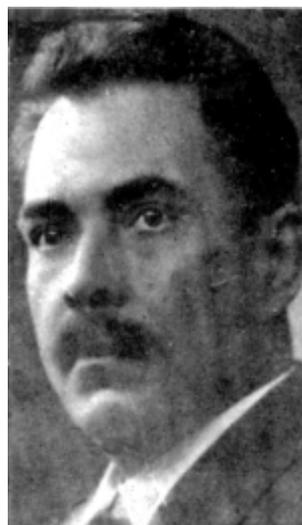
Foi considerado o "Rei do Cacau" por ter sido o maior produtor do mundo, em seu tempo, e introdutor de diversos serviços urbanos na cidade. Foi presidente do Conselho Municipal de 1912 a 1916 e Intendente de 1916 a 1919, assumindo como interino duas vezes na gestão do Coronel Antônio Pessôa da Costa e Silva. Coronel da Guarda Nacional, presidiu, por quatro gestões, a Associação Comercial de Ilhéus e, como banqueiro, foi o maior prestador de dinheiro a juros em toda a região. Casou-se com Eufrozina Berbert, de origem européia e pertencente a tradicional família ilheense, em 20 de fevereiro de 1897, com quem teve 13 filhos, dos quais 9 sobreviveram. A condição de novo rico lhe indicou um casamento aristocrático que não poupou provincianismo ao anfitrião: suas recepções eram marcadamente civilizadas, com texto de cardápio em francês.

Começou como comerciante aos vinte e dois anos de idade, mas iniciou sua fortuna em 1894, quando registrou sua primeira firma na Junta Comercial do Estado. Suas atividades mistas como comerciante e lavrador de cacau foram o esteio de sua riqueza. Em 1914, possuía cerca de dezoito fazendas, empregando mais de quatrocentos homens nos trabalhos diários. Nomeado tenente-coronel, comandante do 16º Batalhão de Artilharia da Guarda Nacional da Comarca, foi promovido em pouco tempo ao posto de

coronel. Em 1930, possuía, além de um banco, milhares de ações, inúmeros imóveis urbanos e setenta e sete fazendas, com um total aproximado de um milhão e trezentos mil cacauzeiros plantados, que produziam setenta mil arrobas.

Emprestou dinheiro para a construção da sede da Associação Comercial, executada por Norberto Odebrecht, que tantos serviços vem prestando à comunidade. Subscreveu ações da Companhia Industrial de Ilhéus, no valor de 2.500 contos de réis para a construção do Porto, na Baía do Pontal, incentivou a ampliação da estrada de ferro e financiou Hugo Kaufmann na construção e montagem da primeira fábrica de chocolate instalada em Ilhéus, próxima ao antigo porto. Apesar de ser pessoísta, não buscou vantagens na política. Era muito rico e negociava diretamente com os compradores de cacau, na Europa. Construiu os melhores edifícios da época, em Ilhéus, os quais ainda hoje são admirados, e muitas casas que mantinha para aluguel.

O Ilhéus Hotel foi o primeiro prédio com vários andares e teve o primeiro elevador da cidade. O Palacete Misael Tavares, atual Loja Maçônica Regeneração Sul Bahiano, foi inaugurado com um almoço no dia 16 de dezembro de 1922, seu aniversário, ao som de uma orquestra que tocava boleros, tangos, rumba, valsa, fox e outras músicas admiradas na época. No cardápio escrito em francês:



Coronel Misael Tavares

*Creme de aspargos,
Jumbom de York,
Peixe à Misael Tavares,
Galinha corcundária francesa,
Costela a maitre d'hotel e croquete de camarão;
Na sobremesa: doces de pêsegos e de pêras.*

Foi participante ativo da Maçonaria e contribuiu também para a criação e instalação de quase todas as entidades existentes na Região e, naquela época, já tinha preocupação com o meio ambiente, criando a reserva da Mata da Esperança, uma espécie de estação de tratamento de águas. Quando morreu, o Banco Misael Tavares, de sua propriedade, possuía mais dinheiro vivo do que qualquer outro grupo em todo o Estado. Na época, talvez a segunda pessoa mais rica fosse Bernardo Manso Martins Catharino.

Viajado e empreendedor, atualmente, Misael Tavares seria considerado como um empresário moderno, preocupado com o progresso e o desenvolvimento de sua Região e garantindo emprego para centenas de pessoas. Faleceu em 08.02.1938, durante uma viagem ao Rio de Janeiro. Seu corpo foi embalsamado e, trazido para Ilhéus, ficou em câmara ardente por 7 dias, para que as pessoas do interior, os admiradores e correligionários lhe prestassem as últimas homenagens.

UM GRANDE ENCONTRO

"Seu" Oscar e D. Victória viveram muito tempo na Fazenda Feliz Vitória, no Ribeirão Seco de Macuco, onde nasceram quase todos os filhos. Apenas Quitiu nasceu na Fazenda São Jorge, quando passaram um período lá. Moraram algum tempo em Buerarema e depois foram para Itabuna. Baixinha, morena, cabelos muito pretos, maçãs do rosto bem salientes, usava óculos fortes e tinha pernas curtas e grossas. Dos irmãos, talvez seja a que apresentava os traços indígenas mais fortes. Ela contava que lá, a casa era muito grande e as crianças, que nasceram, praticamente, uma a cada ano seguido, ficavam dormindo em redes nos quartos, enquanto ela ficava na sala fazendo renda de bilro ou costurando. Quando alguma chorava, ela gritava para alguém da cozinha: "*balança aí a rede!*". Costurava muito e ensinou tudo o que sabia para todas as filhas. Algumas aproveitaram este ensino em suas vidas. D. Victória, ainda bastante lúcida e sem problemas de saúde, foi parando e faleceu no dia 04.05.1998. Faltavam apenas oito dias para que completasse 91 anos. Seu funeral foi um grande encontro de parentes longínquos, primos, sobrinhos, filhos, afilhados, netos, bisnetos, trinotos e tataranetos que se despediram no jazigo do Cemitério do Campo Santo, em Itabuna. Lá também estão sepultados: José Onofre Alves Caldas Schaun, Werner Max Krauss e Oscar Caldas Schaun.

♣ José Caldas Schaun (Zequito) nasceu em 27 de setembro de 1926 e logo em seguida "seu" Oscar teve tifo. Como ainda era um bebê, ficou sob os cuidados da avó, mas logo D. Victória estava grávida e como os irmãos nasceram um atrás do outro, foi criado pelos avós Aphrodisio e Maria José, em Ilhéus. Estudou no Prédio Escolar General Osório, na Praça Castro Alves, depois foi para o Ateneu Fernando Caldas, de Josephina Vilas Boas, que disputava o melhor ensino da cidade com a Escola Afonso de Carvalho, de D. Alina Carvalho. Em 1937 foi para o Ginásio Nossa Senhora da Vitória, da Ordem dos Irmãos Maristas, em Salvador. Estudou ainda no IME, Instituto Municipal de Educação, em Ilhéus, de 1941 a 1943. Em 1944, fez exame para a Aeronáutica junto com Trajano e Frederico, seus primos, e outros companheiros do jogo de bola. Só passaram Zequito e José Alberto Del'Rei Corrêa. Conheceu vários personagens da história de Ilhéus e conviveu com os parentes mais antigos dos Schaun, dos Lavigne, dos Caldas e dos Alves do Amparo, participando de vários eventos que envolveram as famílias, apesar da educação daquela época não permitir que crianças e jovens presenciassem as conversas de adultos. Era afilhado de Arthur Lavigne, médico, e de D. Líbia, filha de escravos do Engenho São João. Prestativo com todos que o procuram, foi amigo dos primos Trajano e Frederico e, na juventude, andou em turma com Oswaldo, José e João Caldas, em Salvador. Já casado, morou em vários Es-



Zequito e Delza

tados e passou para a Reserva Remunerada como Major, em 1967. Sérico e caladão, dorme cedo e acorda com a madrugada. Praticou muito esporte durante a juventude, e trabalhava junto com os empregados, na roça. Parece que passou 26 anos no quartel sonhando com o dia em que voltaria para Ilhéus, para lidar com a terra e talvez buscar o passado. Tem um bom texto e ler é o seu lazer predileto, mas a mecânica está sempre presente em sua vida, consertando os próprios carros e algumas vezes os dos amigos. Casou em 1 de fevereiro de 1951 com Maria Edelzuite Teixeira, nascida em 30.06.1925, em Maragogipe - BA., filha de Otaviano Teixeira do Sacramento e Júlia Miranda, uma das mais novas entre muitos irmãos, costurava bem e foi uma boa bordadeira. Vivem em Ilhéus.

· Maria José Teixeira Caldas Schaun (Maria Schaun), nascida em Salvador em 11.08.1957. Formada em Comunicação pela UFBA. (1980) é jornalista e publicitária com Especialização em Cenários e Perspectivas do Rádio e da Televisão na Era Telemática (1998) - funcionária da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus.

· Delza Teixeira Caldas Schaun (Delza Schaun), nascida em Salvador em 05.04.1968. É formada em Letras pela UESC (1990), tem Pós-Graduação em Comunicação, é repórter e apresentadora da TV Educativa da Bahia e tem uma empresa de produção de vídeo em Salvador.

♣ Afrodísio Alves Caldas Schaun (Didi) 04.02.1928, é agricultor e vive em Itabela - BA. Foi casado com Anna Nascimento Silva (falecida) com quem teve:

- Anna Lúcia Silva Caldas, nascida em Ilhéus em 08.03.1948, é pedagoga pela Universidade Federal de Viçosa e casada com Antônio Carlos Junqueira do Val Filho (agrônomo), vivem em Limeira - SP.

- · Joaquim Luiz Caldas do Val - 17.12.1986

- Amália Silva Caldas, nascida no São Jorge em 04.04.1949 é nutricionista pela UFBA., e casada com Wagner Coelho Porto (médico). Vivem em Ilhéus.

- · Igor Caldas Porto (22.05.1980) é aluno da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, em Salvador.

- · Mariana Caldas Porto (02.10.1981) quer ser advogada.

- · Yuri Caldas Porto (17.12.1985) ainda não se decidiu se vai estudar Medicina ou Veterinária.

- Railda Silva Caldas, nascida no São Jorge em 15.07.1954, é pedagoga, casada com Osvaldo Luiz Trindade (advogado). Vivem em Belo Horizonte-MG.

- · Rodrigo Caldas Trindade - 20.11.1979

- · Joana Caldas Trindade - 30.10.1981

- Ariene Sônia Silva Caldas nascida em Itabuna em 21.07.1952

- · Alioscha Caldas Schaun (18.07.1971) Ilhéus

- · · Alexei Caldas Schaun (21.03.1997)



Didi

- · Kalinka Caldas Nascimento - 16.11.1978
- · Yacov Caldas Nascimento - 23.08.1980
- · Dimitry Caldas Nascimento - 15.12.1981

Com Isabel Pereira Ribeiro tem:

- Jorge Caldas Schaun (24.09.1967) Itabela
 - · Jamile Lima Schaun - 26.10.1993
 - · Jaqueline Lima Schaun - 08.12.1994
- Vilmar Caldas Schaun (01.03.1969) Itabela

♣ Maria de Lourdes Alves Caldas Schaun (Lita) 25.06.1929. É casada com Esaú Ferreira Nery (agricultor). Está velhinha e tem uma doença degenerativa, que transmitiu para alguns filhos. Vivem na Fazenda São Miguel - Ilhéus.

- Suely Caldas Nery (16.08.1956) Itabuna
- Tânia Cristina Caldas Nery (17.02.1959) Ferradas
- Isaac Caldas Nery (15.04.1965) Itabuna
- Oscar Caldas Nery (11.06.1966) Fazenda São Miguel
- Valdinar Caldas Nery (02.11.1962) trabalha com *buffet* e produção de festas em Itabuna.
- Valdenor Caldas Nery (27.07.1971) Faz. São Miguel
- Waldomiro Caldas Nery (02.05.1973) Ilhéus

♣ Valdinar Alves Caldas Schaun (Dadinha) 21.08.1930. É casada com João Lacerda de Carvalho e vivem em Eunápolis-BA.

· Marirlene Alves Lacerda, nascida em Itabuna em 03.10.1950, é formada em Odontologia pela UFBA. e vive em Eunápolis.

· · Tácio Lacerda Gama (05.06.1976), formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, em 27.02.1999.

· · Frederico Lacerda Lopes - 21.03.1990

♣ Cleonice Alves Caldas Schaun (Noca) 18.08.1932 casou-se com José Alves do Nascimento, primo de D. Victória e que tem o mesmo nome do avô. Atualmente é casada com José Antônio Silva (Toinho), filho de Elisa e sobrinho de D. Mariquinha e, também, primo de D. Victória. Vivem em Itabuna.

· Carlos Alberto Caldas Nascimento é nascido em Itabuna, em 14.04.1954, casado com Mariza Dias dos Santos, é funcionário do DERBA, Itabuna.

· · Karla Thaís Dias Nascimento - 25.06.1982

· · Kaliane Dias Nascimento - 05.12.1986

♣ Idália Alves Caldas Schaun (Quituu) 19.02.1934 foi casada com Fausto Gonçalves dos Santos e vive em Itabuna.

· Josenaldo Caldas Gonçalves (Josa) nascido na Feliz



Dadinha

Vitória em 16.06.1950. É formado em Economia pela UESC, Mestre Rosa Cruz e empresário da área madeireira, desenhando, confeccionando e comercializando móveis, em Itabuna. Foi casado com Liberalina Sá Souto (Liba).

- · Giorgio Souto Gonçalves (11.06.1982) quer estudar Medicina.

- · Clara Rosa Souto Gonçalves - 30.05.1984

- Jocélia Caldas Gonçalves nascida na Feliz Vitória em 31.12.1952. Vive em Itabuna.

- · Marcelo Caldas Gonçalves Danho (04.05.1979) quer estudar Comunicação.

- · Felipe Caldas Gonçalves Danho - 05.07.1983

- · Fernanda Caldas Gonçalves Danho - 12.04.1988

- Eliene Caldas Gonçalves, nascida na Feliz Vitória em 28.03.1955, é funcionária da COELBA - Itabuna.

- · Ingrid Caldas Gonçalves Aguiar - 18.01.1984

- José Eliés Caldas Gonçalves (Lelinho), nascido na Feliz Vitória em 21.03.1956, trabalha com marcenaria, confeccionando e comercializando móveis. É casado com Adenilde Pereira Nascimento e vivem em Itabuna.

- · Rafael Nascimento Gonçalves - 26.11.1983



Dinalva, Quitiu e Noca.

· · Taline Nascimento Gonçalves - 14.05.1985

♣ Dinalva Alves Caldas Schaun (13.07.1936) foi casada com Walter Pedreira Moreno (falecido). vive em Ilhéus.

· Maria do Carmo Caldas Moreno, nascida em Ilhéus em 06.03.1958, foi casada com Luiz Henrique da Silveira Halla. Trabalha com seguros em Salvador.

· · Anna Karina Moreno Halla (06.01.1976) Salvador

· · Scheila Moreno Halla (05.08.1980) Salvador

· · Marco Antônio Moreno Halla (16.04.1982) Salvador

· Márcia Caldas Moreno, nascida em Ilhéus em 08.08.1959, é casada com Patrício Carvalho (chileno). Vivem em São Paulo - SP.

· · Bruno Carvalho Caldas - 18.11.1993

· · Beatriz Carvalho Caldas - 25.09.1997

· Paulo Caldas Moreno, nascido em Ilhéus em 22.02.1960, bancário, é casado com Eliane Maia Galvão (fisioterapeuta). Vivem em Salvador.

· · Gabriela Galvão Caldas Moreno - 04.05.1995.

· · Paula Galvão Caldas Moreno - 30.03.1997

· Marcelo Caldas Moreno, nascido em Ilhéus em 28.10.1962, é empresário em Ilhéus.



Mariana

♣ Mariana Alves Caldas Schaun (19.01.1939), foi casada com Werner Max Krauss (falecido) e com Carlos Amorim. Vive em Salvador.

· Úrsula Schaun Krauss, nascida em Salvador em 17.11.1971, é formada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (1996). Vive em Vitória - ES.

· Carla Schaun Amorim, nascida em Salvador em 05.06.1975, é formada em Ciências da Computação pela UNIFACS (1996). Vive em Vitória - ES.

♣ José Onofre Alves Caldas Schaun, nascido em 04.06.1943 na Fazenda Feliz Vitória, faleceu bem jovem, em 10.02.1960, vítima de leucemia.



Onofrinho

*E*los Eternos

Encontrar o Elo Perdido e identificar os Elos Eternos...

Esta coletânea buscou, principalmente, estabelecer um vínculo familiar entre o passado e o presente e, com as informações obtidas, pudemos fazer um resumo das ligações das famílias, casamentos, profissões, alguns traços físicos e de personalidade. Dados que nos dão um perfil daqueles que, fugindo de perseguições, vieram construir laços, patrimônio e cultura, enfim, construíram a nossa sociedade e, ao mesmo tempo, esses dados evitam que os elos permaneçam perdidos.

Além disso, visando apenas situar historicamente, também abordou a importância dos Coronéis para a Região Sul da Bahia - Região Cacaueira, onde eles criaram a Civilização do Cacau, com características muito especiais: não impediram a chegada do desenvolvimento e do progresso, como podemos observar através dos edifícios, escolas e instituições que criaram, a maioria não era latifundiária, sua riqueza era representada pela produção do cacau.

Em geral, os Coronéis eram ligados às firmas exportadoras, mas se mostraram ingênuos ao lado dos exportadores e da Lei de Mercado Internacional. Mantinham relações constantes com o governo do Estado e as desavenças locais foram resolvidas pelo Poder Judiciário, sem rebeldia. Porém

foi grande a exploração e a perseguição aos pequenos produtores que, com frequência, perderam suas propriedades para os mais poderosos.

Também os primeiros trabalhadores, fora dos círculos familiares, chamados contratistas, que produziam sem direito à posse da terra, não tinham segurança e sempre iam deixando para trás os anos de trabalho. Os primeiros assalariados não contavam com o apoio de leis trabalhistas, o que contava era a lei do mais forte. Como exceções, pequenos produtores que lutaram e conseguiram se manter, contratistas que se agregaram aos proprietários e progrediram, e muitos tropeiros que chegaram a bem sucedidos coronéis.

Sobre a família que iniciou a nossa história: originalmente o sobrenome SCHAUN (Shoun ou Baum, Zaun ou ainda Laub e Haus), pronúncia utilizada nas regiões mais próximas da França, possivelmente é derivado do verbo alemão *schauen*, significando ver, e tem suas primeiras referências em 1617, em um documento do casamento de Sigfridus Schaun com Appolonia Leuendecker, em Monzingenno. Em 1739, o batisado de Johann Hennerich Schaun foi documentado no Palatinado, uma região que abrangeu desde a Bavária, passando pelo sul da atual Renânia (Rheinland-Pfalz), pela Saarland e parte da Alsácia-Lorena, e na Prússia (Século XVII) que, em 1869, formava um território quase igual ao que é hoje a Alemanha.

Nas pesquisas via Internet, encontramos algumas pessoas com o mesmo sobrenome nos Estados Unidos, na Ale-

manha e na Áustria, mas não conseguimos estabelecer relação com o Sr. João Adam Schaun e seus descendentes. Debra Corrie Sartain é uma americana que vive em Stuttgart, Alemanha, interessada em Genealogia. Debbie (ela pronuncia Shoun) teve uma antepassada, Wilhelmina Schaun. Era filha de Friedrich Schaun, imigrante alemão que viveu em Wabash Country, Illinois, USA, onde possuía 80 acres de terra doados pelo governo americano. Wilhelmina nasceu em 26 de abril de 1834, já nos Estados Unidos, e se casou com Georg Fredrich Marx em 1850. Um ciclone, em 1877, destruiu toda a documentação posterior a este período, naquela região. É provável que ela tivesse mais ou menos a mesma idade do Sr. Adam.

Ernst Schaun, nasceu em 9 de outubro de 1924 em Koblenz, na Alemanha. Ernst tem três filhos: Uwe, 1948; Karl-Heinz, 1954; e Elke, 1958. É filho de Ernst Schaun, nascido em 16 de agosto de 1898, em Dueren; neto de Karl Schaun, nascido em 15 de setembro de 1861 em Baumholder; e bisneto de Carl Schaun que nasceu em 13 de janeiro de 1840, em Baumholder. Ernst ouvia seu pai falar sobre um tio, Jacob Schaun, mas não tem informações sobre Adam Schaun. É interessante notar que Carl (1840) foi contemporâneo de Adam, e Karl (1861) de Aphrodisio (1866). Este ramo dos Schaun (eles pronunciam Shaun) provém de Baumholde, nas proximidades de Idar-Oberstein, no estado alemão de Rheinland-Pfalz.

Outra família com o mesmo sobrenome viveu em Saarland, ou mais precisamente em Sankt Wendel, de onde

Wilhelm Schaun saiu jovem para Wiehl Kreis Gummeersbach e de lá para Koeln (Colônia). Wilhelm teve dois filhos: Herbert e Willy Schaun. Herbert, pai de Wolfgang E. Schaun, mudou-se para Frankfurt, em 1933. Wolfgang (1929) vive em Rheinland e é pai de Larissa, Daniela, (publicitária), Alexa e Denis (gêmeos).

Encontramos ainda a página de Sue Shoun na Internet: Shoun Family Association Web Site, Schaun quando seu ancestral Johannes Schaun, nascido em 1720, saiu do Palatino, Alemanha, e foi para os Estados Unidos, vindo a falecer em 06.12.1766. Sue estava convocando uma reunião das pessoas que têm sobrenomes similares e se interessam por Genealogia, para 9 de julho de 1999, nos Estados Unidos.

Em Porto Alegre e Camaquã-RS. existem algumas famílias com o sobrenome Schaun. Um dos mais antigos de lá, Albino Schaun, 90 anos, conta que vieram dois irmãos da Alemanha para o Brasil e que um teria ficado no Nordeste, enquanto o outro teria seguido para o Sul, Friedrich Emil Schaun/Frederico Emílio Schaun (25.07.1852/12.09.1937), que teve dez filhos e do qual eles são descendentes. Localizamos grupos familiares em várias cidades do Sul do País, mas aparentemente não possuem ligações entre si ou com os que se instalaram na Bahia.

Os CALDAS estão espalhados pelo Brasil , muitos ainda se comunicam e se visitam, entretanto, é fácil comprovar que estamos perdendo os contatos: o dia a dia, a distância entre as cidades e entre as novas gerações. Assim, as ligações de família vão se perdendo. Os LAVIGNE estão mais

concentrados na Bahia, mas existem grupos familiares em outros Estados, na Argentina e no Canadá com os quais não encontramos vínculos com os que se fixaram no Brasil.

Em Ilhéus, logo no princípio, vemos várias ligações dos Schaun com os Lavigne. Além da primeira união: Adam e Helene, suas filhas: Catharina e Helena se uniram a dois descendentes da família Lavigne, respectivamente: José (Cazuza) e Alfredo Gaston Lavigne. Dentro das ligações familiares, constatamos muitas uniões dos Schaun e dos Caldas com outras famílias estrangeiras, alemãs - Ninck, Weyll, Schnitman, Lewinshon, Foeppel, Mayer e Krauss; polonesa - Kruschewsky; italianas - Antonello, Bertolletti; francesa - Moreaux; turca - Zarko; árabes - Jalil, Zugaib, Midleje e Halla; chilenas - Rojas e Carvalho; e Danho e d'Ávila, que são portuguesas, entre tantas outras.

Encontramos quatro casos de gêmeos, um casal, filho de Almerinda Schaun: Marivaldo e Marivalda; duas moças, filhas de Frederico Schaun Foeppel: Maria das Graças e Maria do Socorro; duas moças filhas de Esther Caldas Guimarães Bertolletti: Maria Edith e Graciema Maria; e mais duas meninas, netas de José Conde Caldas: Gabriela e Carolina.

Quanto às profissões, muitos parentes estão ligados às áreas de Mecânica e Engenharia, vários jornalistas e escritores e alguns ligados às Artes e à Marcenaria. E, mesmo entre os que não estão ligados diretamente às Letras, muitos têm facilidade para escrever, têm um bom texto e até se atrevem a fazer poemas. Em nossas conversas, observamos que entre os Schaun parece que a Mecânica "está no

sangue", inclusive de quem exerce outras profissões. Em todos os contatos, observamos alguns traços marcantes nas famílias: os Lavigne são calmos, os Schaun são caladões, os Caldas são alegres e conversadores, e os Alves do Amparo são calmos e falam baixo.

Pudemos perceber também a influência política e social que alguns antepassados dos vários ramos familiares tiveram em Ilhéus e na Região. Entretanto, esta veia política parece que fez poucos herdeiros, apesar de muitos terem herdado o gosto pela Justiça Social. Os bens, vendidos e divididos não chegaram para as gerações mais novas e nós, como tantos outros descendentes de tantas famílias influentes até o início do século, nos dispersamos pelo país e vivemos do que produzimos.

Ilhéus...? De um burgo quinhentista, fundado pelo castelhano ouvidor, analfabeto e administrador desastrado, a um vilarejo de amargos tempos de luta e desbravamento, até o desenvolvimento de hoje se passaram 5 séculos. Este tempo é um atestado da capacidade realizadora de um povo que construiu a pequena Civilização do Cacau com as mãos: entre casamentos bem sucedidos, amores infelizes, assassinatos, banquetes, solidão e suspiros, patrões e empregados convivem com o cacau, com histórias aventureiras de líderes, a exploração de tantos e o heroísmo de todos.

Entre as lutas pela posse da terra, o desbravamento, a ascensão dos coronéis, secas e pragas, o declínio dos coronéis, a ascensão dos exportadores, a desvalorização da terra e a queda dos preços internacionais do cacau, o velho e o

novo sempre caminharam numa constante modificação. Hoje, o ilheense é herdeiro cultural destes coronéis e interiorizou os personagens de Jorge Amado - a Cultura Popular absorveu as histórias que ele criou. Apesar disso, as gerações nascidas a partir da década de sessenta não conviveram com esses personagens, não viveram essas histórias, muitas vezes nem as ouviram e vêm rompendo os vínculos com a cultura do cacau, formando uma nova mentalidade social.

Estes períodos que fazem a nossa história correspondem à própria História do Brasil e à capacidade empreendedora do Povo Brasileiro, formado por índios, negros e brancos aqui chegados de todas as parte do mundo para fazer uma nova gente.

Especificamente na Região Cacaueira, não podemos deixar de perceber que a ausência de Políticas e Programas para a Agricultura em nossos Governos esvaziou os armazéns de cacau e afastou os navios estrangeiros do cais do Porto do Malhado. E, hoje, observamos o declínio da Civilização do Cacau com pragas graves que assolam as plantações, a queda internacional do preço e problemas que atingem também tantas outras monoculturas, provocando uma grave crise econômica e social em toda a Região.

O cacau começou a ter um volume de exportação satisfatório a partir de 1838/1839, quando superou as mil sacas. Chegou a ser o líder da pauta de exportação baiana em 1904 e a Bahia foi o grande produtor mundial em 1905. Nesta época, o cacau era o líder da pauta de exportação da Bahia e, em 1935, a Bahia produziu o dobro das exporta-

ções de 1920, o que representava 96% da produção nacional e ficava entre 18 e 20% da produção mundial, chegando, em alguns anos, a contribuir com mais da metade do total arrecadado pelo Estado e sem ter registrado participação inferior a 30%. Esta arrecadação possibilitou a implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari, mas a partir de 1985 o cacau foi perdendo competitividade e hoje representa apenas cerca de 13% da arrecadação do Estado da Bahia.

Entretanto, o futuro se anuncia com o desenvolvimento da agroindústria a partir da fruticultura, dendê, pecuária e reflorestamento, com o setor de Turismo se desenvolvendo na Região, a partir de Ilhéus. Também surgem perspectivas através do Porto Internacional e Aeroporto, com novas possibilidades de intercâmbio e do Distrito Industrial de Ilhéus que recomeça com atividades alternativas ao cacau. Além disso, a Universidade Estadual de Santa Cruz se impõe, hoje, como uma escola literária, filosófica e científica, formando a massa crítica dos profissionais que chegam ao mercado de trabalho em todos os municípios vizinhos, criando uma nova cultura.

Estes aspectos nos levam a acreditar em melhores e novas perspectivas para a Região Cacaueira - Rumo ao Século XXI.

OBRAS CONSULTADAS

- ANDRADE, Maria Palma. *Ilhéus, passado e presente*. Salvador: Ed. BDA-Bahia, 1996.
- AQUINO, R.S., Leão de et al. *História das sociedades modernas às sociedades atuais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- ARNTZ, Helmut. *Fatos sobre a Alemanha*. [S.l.: s.n.], 1968.
- ARRUDA, José Jobson de A. e PILETTI, Nelson. *Toda a História*. São Paulo. 6a. Ed. Editora Ática, 1997.
- A ECONOMIA COLONIAL IMIGRANTE. <http://members.xoom.com./burattos/Imigrante.html>. Jan/1999.
- BARBOSA, Carlos Roberto Arléo. *O cacau e seus coronéis*. (1900-1950). Ilhéus: UESC, 1996. 58p.
- _____. *Notícia histórica de Ilhéus*. 2. ed. Ilhéus: Prefeitura Municipal, 1981.
- BARBOZA DE MELO. *Biografia do coronel Manoel Misael da Silva Tavares*. [S.l.: s.n.], 1927.
- BARROS, Francisco Borges de. *Memória sobre o Município de Ilhéus*. Publicação Oficial. Ilhéus-BA. 1915. 155p.
- CAMPOS, Silva. *Crônica da capitania de São Jorge dos Ilhéus*. 2.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1981.
- CASTRO, Epaminondas Berbert de. *Formação econômica e*

- social de Ilhéus*. Ilhéus: Prefeitura Municipal, 1981. 53p.
- CÚRIA DIOCESANA DE ILHÉUS. *Registros de casamentos (1854-1893)*. Ilhéus: 1893.
- ENCICLOPÉDIA Mirador. São Paulo: Melhoramentos, 1982. 20v.
- FALCÓN, Gustavo. *Os Coronéis do Cacau*. Salvador: UFBA., 1995.
- HISTÓRIA. <http://www.riogrande.com.br/historia/colonizacao>. Jan/1999.
- HOME PAGE DA LITA DE DISCUSSÃO DE GENEALOGIA. <http://www.genealogy.com.br>. Jan/1999.
- MAHONY, Mary Ann. *The World Cacao Made: Society, Politics and History in Southern, Brasil, 1822-1919*. Ph.D. diss, Yale University, 1996. 552p.
- MENDES, Fernando Leite. *Os Olhos Azuis de D. Alina e Algumas Crônicas*. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, 1985.
- OS ÍNDIOS de Olivença e a zona de veraneio dos coronéis do cacau da Bahia. *Nordeste Índigena*, Recife, n. 2, p. 43-65. 1991.
- MADRE Thaís e o *Instituto Nossa Senhora da Piedade*. Ilhéus: Instituto Nossa Senhora da Piedade, 1966. 33p.
- NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Memória da Federação das Indústrias do Estado da Bahia*. Salvador: FIEBA, 1997.
- PEREIRA FILHO, Carlos. *Ilhéus, terra do cacau*. Rio de Janeiro: Ed. Andes, 1959.

Anexos

PRINCIPAIS FAZENDEIROS DE ILHÉUS - 1890-1930

Adalberto Alves Faria
Adão Schaun
Adolpho Maron
Adonias Aguiar
Adriano Ribeiro Barbosa
Aphrodísio Schaun
Albino Francisco Martins
Alcides Kruschewsky
Alcino da Costa Dórea
Alfredo Navarro de Amorim
Álvaro Correa da Silva
Amélia de Sá Câmara
Angelina Carvalho
Antônio Araújo
Antônio Fernandes Badaró
Antônio Fernandes dos Santos
Antônio Ferreira da Silva
Antônio Lavigne de Lemos
Antônio Pessoa da Costa e Silva
Antônio Ribeiro
Antônio Guilherme Weyll
Armando de Lemos Peixoto
Augusto Sá Bittencourt Câmara
Aureliano Brandão
Basílio Francisco de Oliveira
Calixto Luedy
Cândido Garcia da Silva
Cezário Falcão
Charles Henry Bennet Ayre
Cipriano Villas-Boas
Dyonísio Ferreira da Silva

BARROS, 1915
FALCÓN, 1995

Domingos Adami de Sá
Domingos Brandão
Domingos Fernandes Badaró
Domingos Fernandes da Silva
Domingos Kruschewsky
Domingos Pereira da Silva
Elias Maron
Elisa Labbé Ferreira
Ernesto de Sá Bittencourt Câmara
Erothildes Mello
Eufrásio Cardoso e Silva
Eustáquio Fialho Costa
Eustáquio de Souza Bastos
Fernando Geraldo Miguel
Fernando de Stteiger
Francisco Fernandes Badaró
Francisco Magno Baptista
Francisco Manoel de Andrade
Francisco Xavier de Paiva
Fred Gedeon
Gabino P. Kruschewsky
Gemeniano Vasconcelos
Gerônimo Francisco Ferreira
Guilherme José Alves
Henrique Alves dos Reis
Henrique Berbert
Henrique Cardoso e Silva
Henrique Kruschewsky
Henrique Wense
Hércules Pinto de Campos
Higino Francisco Antônio
Hugo Kauffmann
Jerônimo Francisco Ferreira

João Augusto de Sá
João Baptista de Matos
João Cavalcante Mangabeira
João Navarro de Amorim
João Sá
Joaquim Hermínio de Oliveira
Jorge Heleno
Jorge Maron
José Alves Costa
José Caldas Filho
José Carlos Adami (herdeiros)
José Corrêa Pinto (herdeiros)
José Cosme
José Emídio da Silva
José Emídio Ludovico
Josephina Lavigne de Lemos
José Firmino Alves
José Francisco de Oliveira
José Gaston Lavigne
José Gaudêncio da Silva
José Gomes do Amaral Pacheco
José Kruschewsky
José das Neves Cezar Brasil
José Ribeiro Bonfim Sobrinho
José Veríssimo da Silva
José Vitorino Filho
Justiniano Rodrigues de Andrade
Justino Andrade
Leopoldo Benevides Selmann
Luiz Felipe Vasconcelos
Luiz Gaston Lavigne
Luiz da Silva Pinto
Manoel Barreto de Araújo

Manoel Damião de Jesus
Manoel Domingues da Costa
Manoel Francisco Pereira Pinto
Manoel Martins de Souza
Manoel Matias Nink
Manoel Misael da Silva Tavares
Manoel Nonato do Amaral
Manoel Pancrácio Pereira Pinto
Manoel Pereira da Silva
Manoel Rodrigues Martins
Manoel Rodrigues de Mello
Maria José Bastos
Nagi Maron
Nicodemus Barreto
Nicolau Siuffo
Olímpio Berbert
Otaviano Moniz Barreto
Otávio Berbert
Otoniel de Souza Lima
Paulino Ribeiro do Couto
Pedro Augusto Cerqueira Lima
Pedro Augusto Hollenwerger
Pedro Cardoso do Nascimento
Pedro Levino Catalão
Pedro Marques Valente
Pedro Scola Homem D'El Rey
Permídio José de Oliveira
Plínio Cardoso Nascimento
Pompílio Espinheira
Quirino Ferreira da Cruz
Ramiro Berbert de Castro
Ramiro Duarte
Ramiro Idelfonso de Araújo Castro

Rodolfo Mello Vieira
Sabino Costa
Salustino Amaral
Temístocles Pimentel
Theodoro Felix do Nascimento
Theodolino João Berbert
Terêncio Nunes Bahiense
Tertuliano Guedes de Pinho
Tertuliano Lauro de Moura
Virgílio Calazans do Amorim
Vital Henrique Batista Soares

PESSOAS MAIS INFLUENTES EM ILHÉUS - 1890-1930

BARROS, 1915
FALCÓN, 1995

Nome/Atividades

Adalberto Alves Faria - agricultor
Adonias Aguiar - agricultor, comerciante
Albino Francisco Martins - político, agricultor, comerciante
Alcino da Costa Dórea - agricultor, comerciante
Alfredo Navarro de Amorim - agricultor
Antônio Pessôa da Costa e Silva - político, rábula, agricultor
Antônio Rodrigues Portella - agricultor
Antônio Lavigne de Lemos - agricultor
Amando de Lemos Peixoto - agricultor, comerciante
Augusto Sá Bittencourt Câmara - agricultor
Aureliano Brandão - agricultor, comerciante, banqueiro
Basílio Francisco de Oliveira - político, agricultor
Cândido Garcia da Silva - agricultor
Carlos Pinto - agricultor
Cezário Falcão - agricultor

Cypriano de Oliveira Berbert - agricultor
Domingos Adami de Sá - político, agricultor, comerciante
Domingos Fernandes da Silva - político, comerciante, agricultor
Ernesto Sá Bittencourt Câmara - político, agricultor
Erothildes Mello - agricultor, comerciante
Eufrásio Cardoso e Silva - agricultor, comerciante
Eustáquio Fialho Costa - agricultor
Eustáquio de Souza Bastos - político, agricultor, comerciante
Francisco Magno Baptista - agricultor
Francisco Manoel de Andrade - agricultor
Geminiano Vasconcelos - agricultor, comerciante
Guilherme José Alves - agricultor
Henrique Alves dos Reis - político, agricultor, comerciante
Henrique Cardoso e Silva - agricultor, comerciante
Henrique Berbert - político, agricultor
Henrique Kruschewsky - agricultor, comerciante
João Baptista de Matos - agricultor
João Navarro de Amorim - agricultor
Jorge Heleno - agricultor
Joaquim Ferreira de Paiva - político, militar
Justino Andrade - comerciante, agricultor
José das Neves Cezar Brasil - agricultor, comerciante
José Gomes do Amaral Pacheco - agricultor, comerciante
José Caldas Filho - agricultor
José Francisco de Oliveira - agricultor
José Ribeiro Bonfim Sobrinho - agricultor
José Alves Costa - agricultor, comerciante
José Firmino Alves - agricultor, comerciante
José Vitorino Filho - agricultor, comerciante
José Kruschewsky - agricultor
José Veríssimo da Silva - agricultor
Justiniano Rodrigues de Andrade - agricultor, comerciante
Laudelino Pimentel - agricultor

Luiz Felipe Vasconcelos - agricultor, comerciante, banqueiro
Luiz da Silva Pinto - agricultor
Manoel Misael da Silva Tavares - político, agricultor, comerciante
Manoel Rodrigues de Mello - agricultor
Manoel Pereira da Silva - agricultor
Manoel Pancrácio Pereira Pinto - político, agricultor
Manoel Nonato do Amaral - político, agricultor
Miguel José Alves Dias - político, agricultor, comerciante
Nicodemus Barreto - agricultor, comerciante
Nicolau Siuffo - agricultor
Pedro Levino Catalão - político, agricultor, comerciante
Pedro Augusto Cerqueira Lima - agricultor
Permínio José de Oliveira - agricultor
Terêncio Nunes Bahiense - agricultor
Pompílio Espinheira - agricultor
Ramiro Idelfonso de Araújo Castro - político, médico-prático
Rodolfo Mello Vieira - político, agricultor, comerciante
Sabino Costa - agricultor
Salustino Amaral - agricultor
Tertuliano Guedes Pinho - agricultor
Tertuliano Lauro de Moura - agricultor
Temístocles Pimentel - agricultor
Virgílio Calazans Amorim - político, agricultor, comerciante

INTENDENTES MUNICIPAIS E PREFEITOS DE ILHÉUS - 1890 -2000

João Baptista de Sá Oliveira	1890/1891 ¹
Joaquim Ferreria de Paiva	1892/1896
Manoel Hollenwerger Homem	1896
Ernesto de Sá Bittencourt Câmara	1896/1904 ²
Domingos Adami de Sá	1904/1908
João Cavalcante Mangabeira	1908/1911
Antônio Pessôa da Costa e Silva	1912/1915 ³
Manoel Misael da Silva Tavares	1916/1919
Domingos Fernandes da Silva	1920
Eustáquio de Souza Bastos	1920/1923 ⁴
Mário Pessôa da Costa e Silva	1924/28 - 1938/43 ⁵
Durval Olivieri	1928/1930
Eusínio Gaston Lavigne	1930/1937 ⁶
Raymundo do Amaral Pacheco	1937/1938
Eunápio Peltier de Queiroz	1943/1945
Tácito Sá Bittencourt Câmara	1946
Almir Brandão Pinto	1946/1948
Arthur Leite da Silveira	1948/1951
Pedro Villas Boas Catalão	1951/1955
Herval Soledade	1955/59 - 1963/67
Henrique Cardoso	1959/1963
Nerival Rosa Barros	1967/1969
Áfro Barros Leal Neto	1969 ⁷
João Alfredo Amorim de Almeida	1969/1971
Edmon Darwich	1971/1973
Ariston Cardoso	1973/1976
Jaziel Martins	1977/1980
Antônio Olímpio Rhem da Silva	1980/84 - 1993/96
Jabes Ribeiro	1984/1989 - 1997/2000
João Lyrio	1989/1992

Fonte:
Livros de Atas da
Prefeitura Municipal
de Ilhéus

Notas:

1 - Interino de 21 de abril de 1890 a 1º de maio de 1891.

2 - Empossado e destituído: Antônio Pessôa da Costa e Silva, de janeiro a agosto de 1900.

3 - Interinos: Manoel Misael da Silva Tavares, de 31 de maio a 19 de agosto de 1913 e de 03 de abril a 13 de agosto de 1914, e Virgílio Calazans de Amorim, de 14 de agosto a 1º de novembro de 1914.

4 - Interinos: Antônio Pessôa da Costa e Silva, de 1º a 11 de fevereiro de 1920.

5 - Interinos: Virgílio Calazans de Amorim, de 17 de fevereiro a 27 de março de 1925.

6 - Respectivamente, Intendente e Prefeito.

7 - Mandato complementar.

COORDENAÇÃO GRÁFICA
UBALDO SANTOS

FOTOMECÂNICA
CRISTOVALDO CAITANO

IMPRESSÃO
LUIZ HENRIQUE FARIAS
CRISTOVALDO CAITANO

ACABAMENTO
JAILTON ALMEIDA
NIVALDO LISBOA